

**SERGIO EDUARDO VALENCIA**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E OS PROBLEMAS DA  
EDUCAÇÃO NO BRASIL**

FACULDADES INTEGRADAS HEBRAICO BRASILEIRA RENASCENÇA

**SÃO PAULO**

**2008**

**SERGIO EDUARDO VALENCIA**

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO E OS PROBLEMAS DA  
EDUCAÇÃO NO BRASIL**

**FACULDADES INTEGRADAS HEBRAICO BRASILEIRA RENASCENÇA**

**Trabalho de Conclusão do Curso de Letras para obtenção  
de Licenciatura em Língua Portuguesa e Inglesa da  
Faculdade Renascença de São Paulo – UNIESP, sob  
orientação da Professora MS Simone Strelciunas Goh.**

**SÃO PAULO**

**2008**

## **Ficha Catalográfica**

**Sergio Eduardo Valencia ALEN 06115355**

**São Paulo. SP. 2008**

**Orientadora: Simone Strelciunas Goh**

**Professora Mestre em Filologia e Língua Portuguesa**

**Monografia. Trabalho de Conclusão de Curso**

**Palavra-Chave: Preconceito, Educação, Linguística**

**Key-Words: Prejudice, Education, Linguistics**

**Faculdades Integradas Hebraico Brasileira Renascença**

## **BANCA EXAMINADORA**

**Simone Strelciunas Goh**

**Mestre em Filologia e Língua Portuguesa**

**Universidade de São Paulo**

**Vladimir Yrigoyen**

**Mestre em Linguística e Letras**

**Universidade de Taubaté**

**Luciane Nigro Charlariello**

**Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**

Aos nossos docentes comprometidos com o enobrecimento da educação no Brasil.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela força que concede ao meu espírito quando luto por meus ideais.

Aos meus pais, por estarem presentes em minha vida, incentivando a minha jornada rumo ao desenvolvimento pessoal.

Aos mestres que conheci durante o curso realizado, alguns deles, verdadeiros amigos.

Mas, principalmente ao meu filho, Matheus Eduardo Lazari Valencia, que me fez voltar a sorrir novamente e a investir no mundo do conhecimento. Meu grande e verdadeiro amigo.



Teus pensamentos e vontade são a chave de teus atos e atitudes.

São as fontes de atração e repulsão na tua jornada vivência.

Não reclames nem te faças de vítima. Antes de tudo, analisa e observa.

A mudança está em tuas mãos. Reprograme tua meta, busca o bem e viverás melhor.

Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo.

Qualquer um pode começar agora e fazer um Novo Fim.

FRANCISCO DE PAULA CÂNDIDO XAVIER



## RESUMO

O tema desse trabalho está centrado na situação da educação brasileira desde o seu achamento, bem como de que maneira manifestou-se nela a cultura preconceitual sobre a enorme diversidade lingüística existente no país, discorrendo sobre fatores culturais e tradicionais do povo brasileiro, que se socializou, impedindo ao longo dos séculos que idéias separatistas se realizassem, mas que infelizmente, não foi capaz de resistir à descentralização social trazida pelo progresso capitalista, fator que resultou na diversidade lingüística do país, presente ainda, em sala de aula.

## **ABSTRACT**

The theme of this work is focused on the situation of Brazilian education since its achamento, and that way it manifested itself on the culture preconceitual the enormous linguistic diversity in the country, talking about cultural and traditional factors of the Brazilian people, who socialize, Preventing over the centuries separatist ideas that would be made, but unfortunately was unable to resist the decentralization social progress brought by capitalist, a factor that resulted in the linguistic diversity of the country, still present in the classroom.

# SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

1 – INTRODUÇÃO

2 – REVISÃO DE LITERATURA

3 – METODOLOGIA DE PESQUISA

4 – A ORIGEM DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E OS PRINCÍPIOS DO SEGMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO

4.1. O Nascimento do ensino brasileiro

4.2. A Influência do existencialismo europeu na educação brasileira

4.3. Criação familiar e êxodo social, os alicerces do preconceito linguístico

4.4. Os efeitos do fenômeno sociolinguístico

5 – VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS SOB A ÓPTICA DA LITERATURA E DA GRAMÁTICA NORMATIVA NO BRASIL

5.1. Um conceito linguístico de natureza fisiológica

5.2. A Gramática e os seus conflitos lingüísticos

5.3. A literatura e o resgate das expressões coloquiais

6 – SOCIOLINGUISTICA E SOCIEDADE ESCOLAR

6.1. Uma concepção linguística; do arcaico ao contemporâneo

6.2. Família, aluno e educador; os caminhos do preconceito linguístico

6.3. Sociointeração sob o aspecto sociolinguístico; a solução

7 – CONCLUSÃO

8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

9 – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA



## 1 – INTRODUÇÃO

Muitos são os momentos de nossa jornada educacional brasileira. Fomos forjados em conceitos e pré-conceitos, segmentos lógicos e segmentos metafísicos, em sua grande maioria herdados de outras nações.

Tudo isso contribuiu deveras para que os nossos ícones da educação estratejassem projetos, dezenas deles, a fim de tentar, pelo menos, elucidar parâmetros mais convincentes sobre o crescimento erudito de um povo, combinando fatores como a diversidade cultural e tradicional, bem como a variação da língua falada, que emerge de forma natural das nossas entranhas e se pronuncia tal qual identidade, clamando por ser ouvida e entendida; ou mais do que isso, por ser aceita no seio social.

Não há que se falar aqui em culpa, porque seria muito difícil elencar os culpados dentro de um contexto histórico em relação a um povo que, no início de sua colonização, praticamente se deixou dominar pelas ingerências alheias. Não podemos também derramar lágrimas pelo passado que originou conseqüências em nosso ensino, fortemente sentidas em nossa contemporaneidade.

Somos uma nação de tenra idade, trabalhada em suas principais características, que são a diversidade e a miscigenação. Uma nação de traços singulares, de proporções místicas e de uma grandeza que em nenhum momento da história da humanidade conseguimos vislumbrar.

Este é o povo brasileiro, de uma língua portuguesa estranha aos ouvidos estrangeiros. De sotaques, de conceituações e de crenças no linguajar. Um povo que, mesmo em sua sofrida relação com a edificação social, sobrepujou os percalços de uma história traçada por martírios e conseguiu conquistar o merecido espaço no cenário educacional mundial.

É justamente nesse contexto de identidade cultural que alicerçamos aqui a referida pesquisa de campo para nortear um trabalho que visa elucidar os momentos histórico-sociais de nossa educação, desde o seu primeiro período até os acontecimentos mais recentes; tudo relacionado ao fator preconceitual que emerge da sociedade brasileira de diferentes formas, porém, neste caso, das variações de nossos linguajar.

Para tanto, estruturamos um trabalho que estabelece parâmetros de entendimento sobre os caminhos de nossa educação e sobre como chegamos aos novos conceitos de necessidade de interação social em relação ao ensino brasileiro.

Contamos ainda com a colaboração de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II, e do 1º ano do Ensino Médio de duas escolas interioranas, que responderam a um questionário sobre o entendimento de nossas variações lingüísticas, documento que se tornou mote para a elucidação e fechamento do terceiro capítulo, e para a conclusão do trabalho, em sua totalidade.

Portanto, em ordem de acontecimentos e procurando proporcionar ao leitor, mestre ou pesquisador o máximo de argumentos lógicos sobre o tema em epígrafe,

disponibilizamos um cabedal de conteúdos perfeitamente organizados a fim de clamar pela atenção de nossos educadores e administradores educacionais sobre o preconceito linguístico e os problemas da educação no Brasil, que ainda ofendem boa parte de nossa pedagogia educacional.

## 2 – REVISÃO LITERÁRIA

Em *Educação em Língua Materna: A Sociolinguística na Sala de Aula*, Stella Maris Bortoni-Ricardo, PHD em Linguística pela Universidade de Lancaster, Inglaterra, procura tematizar a diversidade linguística e a pluralidade cultural existentes no Brasil, além de proporcionar vasto conteúdo sobre a variação linguística que podemos vislumbrar nas salas de aulas existentes em todo o país. A obra aborda ainda questões sobre a comunidade da fala brasileira e a variação desta na Língua Portuguesa falada no Brasil, bem como de que forma nos posicionamos socialmente em relação ao fato. Outro momento textual versa sobre as características rurais e urbanas de nossa gente, bem como o entendimento de um fenômeno social de conotação migratória, denominado *rurbanismo*. Fato interessante a mencionar é a utilização por parte da autora, do personagem Chico Bento, das histórias em quadrinhos produzidas por Maurício de Souza que mostram nitidamente o contraste do falar urbano e do falar rural, como forma de acentuar a preocupação atual no que se refere ao preconceito linguístico.

No livro *Sociolinguística, os Níveis da Fala*, escrito pelo Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), Dino Fioravante Preti, podemos estudar os assuntos relacionados às variações linguísticas sob dois aspectos, sendo o primeiro deles, os fatores socioculturais que agem sobre a língua falada em nosso país, bem como a influência da norma e os problemas de transcrição da fala. O outro aspecto trata das soluções que foram adotadas pelos principais prosadores de nossa literatura, na representação escrita das variações linguísticas de seus personagens, nas diferentes épocas da prosa brasileira, a fim de perpetuar tal



fenômeno, evitando o sentido preconceitual, e incentivando o estudo sociolinguístico. Um dos introdutores da Sociolinguística no Brasil e o pioneiro dos estudos sobre Oralidade e Análise da Conversação, Dino Preti pretende que a sua obra seja vista como um permanente manual para o estudo das variações linguísticas, dialetos e registros regionais sobre aspectos do falante.

No livro *Fala, Letramento e Inclusão Social*, Maria Cecília de Magalhães Mollica, Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), procura utilizar-se de uma linguagem textual acessível a fim de capitular alguns dos principais conceitos teóricos sobre a educação em sala de aula, bem como a alusão às diretrizes metodológicas indispensáveis, e os seus resultados, oriundos de experimentos em sala de aula, eventualizando a possibilidade de se encontrar métodos pedagógicos alternativos no trabalho de apropriação da língua. O livro mescla teoria e prática na medida certa, e está dividido em duas partes. A primeira reúne conceitos teóricos gerais, e a segunda trás propostas pedagógicas e exercícios que podem ser aplicados em sala de aula por nossos educadores.

### **3 – METODOLOGIA DE PESQUISA**

A cumplicidade com o tema foi de vital importância para a realização dos trabalhos, alicerçado em uma pesquisa de campo efetuada com alunos de Escolas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, além da leitura de títulos relacionados à educação, bem como a socialização entre pais, alunos e professores, no que tange ao entendimento e aceitação das variações linguísticas.

Através da aquisição e leitura dos referidos títulos, bem como o acesso a endereços eletrônicos, de cunho educacional, além da assistência a documentários do gênero, pode-se confeccionar um questionário de conteúdo simples e objetivo, utilizado para procurar esclarecer dúvidas sobre o comportamento contemporâneo do aluno em sala de aula quanto às questões relacionadas ao preconceito linguístico.

O compromisso com o estudo realizado, bem como a satisfação de poder conduzir o tema ao ambiente escolar, estabelecendo harmonioso convívio com professores e alunos, possibilitou a certeza de que, ao final dos trabalhos práticos e textuais, uma nova etapa científica foi cumprida.

## 4 – A ORIGEM DA EDUCAÇÃO NO BRASIL E OS PRINCÍPIOS DO SEGMENTO SÓCIOLINGÜÍSTICO

### 4.1. O nascimento do ensino brasileiro

*“A língua deste gentio toda pela Costa é uma: carece de três letras – scilicet<sup>1</sup>, não se acha nela F, nem L, nem R, coisa digna de espanto, porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente” (PERO DE MAGALHÃES GÂNDAVO – Tratado da Terra do Brasil, 1576).*

A Esquadra de Cabral aportara em solo indiano, em 22 de abril de 1500, trazendo consigo, além da tripulação de marujos treinados pela Escola de Sagres<sup>2</sup>, do Infante Dom Henrique, uma enorme população de portugueses, suprimida socialmente por Portugal e sem muita escolha sobre o próprio destino.

Porém, apesar de termos até então entendido o referido desbravamento como uma descoberta, algumas importantes investigações científicas aludem a outra realidade: a de que o Brasil precisava ser oficialmente apresentado ao mundo europeu e por isso, deu-se assim a data acima menciona como a de seu oficial descobrimento pelos portugueses.

O que era então, no início, o nosso Brasil em relação ao que entendemos por uma sociedade, senão apenas uma terra em que lusitanos desgarrados, em sua

---

<sup>1</sup> “Scilicet” - em latim quer dizer - isto é, a saber. [pt.wiktionary.org/wiki/scilicet](http://pt.wiktionary.org/wiki/scilicet).

<sup>2</sup> A Escola de Sagres - O Infante Dom Henrique, um dos filhos do Rei João I, que participara da conquista de Ceuta, compreende a necessidade de planejar e organizar mais eficientemente o empreendimento marítimo-mercantil, reuni alguns dos melhores e mais experientes pilotos, astrônomos, matemáticos, cartógrafos e construtores de navios da época, vindo sobretudo de Gênova e Veneza, ativas cidades comerciais da Itália. E, funda, em 1417 a Escola de Sagres, acontecimento importante, representa a mudança radical e definitiva do rumo da expansão ultramarina. [www.achetudoeregiao.com.br](http://www.achetudoeregiao.com.br).

maioria homens, e judeus obrigados a se converterem ao cristianismo, se estabeleciam sem qualquer espécie de ordenação social, além de sofrerem o impacto da enorme dificuldade de comunicação. Como mesmo versavam as palavras apenas no pergaminho, pelo escrivão da Esquadra de Cabral, Pero Vaz de Caminha<sup>3</sup> *“Nem eles cedo aprenderiam a falar para o saberem tão bem dizer que muito melhor estoutros<sup>4</sup> o não digam quando cá Vossa Alteza mandar”*.

Nesta época, travava-se por parte dos lusitanos, intensa, árdua e complicada comunicação com os índios locais a fim de estabelecer uma comunicação sustentável que lhes provesse, no mínimo, o convívio necessário para a sobrevivência de ambos, que ali, já se interagiam como povos, dividindo e mesclando culturas e tradições, criando um vínculo de intimidade entre os sexos opostos que, resultou na primeira matriz de brasileiros. Surgia a miscigenação<sup>5</sup> como caráter principal de uma sociedade em formação.

Povos que se uniam, por interesses diversos e que, ao longo dos anos constituíam famílias que passavam a viver sob uma marca cultural de autenticidade forte, totalmente diferente das gerações anteriores. Talvez por isso o aprendizado, ou da Língua Portuguesa, por parte dos nativos, ou da Língua nativa, por parte dos portugueses, não fosse tão interessante. Porém, ainda sim, nos lares, o homem português rendia-se ao linguajar Tupi pela natural questão do enlace. Uma marca

---

<sup>3</sup> Pero Vaz de Caminha – (1450-1500) escritor português que se notabilizou nas funções de escrivão da Esquadra de Pedro Álvares Cabral. [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

<sup>4</sup> Estoutros - palavra lusitana que dizer, estes + outros. [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

<sup>5</sup> Miscigenação - consiste na mistura de raças ou de povos de diferentes etnias. Wikipédia, enciclopédia livre.

endocultural<sup>6</sup> que se consolidava de tal forma, que passou inclusive a gerar modificações lingüísticas.

O solo brasileiro já unia dois povos diferentes proporcionando um natural e harmônico convívio de espécies, em que a língua foi um dos fatores mais importantes para o estreitamento de ideais e conceituações éticas e morais, entre ambos. Mesmo imerso em um barbarismo<sup>7</sup> lingüístico, quando a comunicação entrelaçava ambas as línguas, fato que posteriormente culminou em um novo expressionismo lingüístico, nada prejudicava aquela nova formação social.

A eufonia<sup>8</sup> começava a ocupar espaço no seio familiar, quando as crianças, de natureza diglössicas<sup>9</sup>, se expressavam com mais clareza nesse novo contexto de comunicação. Na seara sociolinguística<sup>10</sup>, variantes de expressões do coloquial<sup>11</sup> linguajar eram quase que naturais e bem absorvidas, pois não havia, à época, razões econômicas ou políticas que exercem forte influência nas colônias capaz de descentralizar a sociedade.

*(...) Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças ente povos de culturas diferentes, é necessário saber*

---

<sup>6</sup> Endocultural – aprendizagem de uma cultura que se inicia com assimilação de valores e experiências a partir do nascimento de um indivíduo e que se completa com a morte. [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

<sup>7</sup> Barbarismo – em sentido Lato ou amplo é toda transgressão da norma ortográfica ou gramatical ou tudo que atenta contra a índole da língua. [www.paulohermandes.pro.br](http://www.paulohermandes.pro.br).

<sup>8</sup> Eufonia – emissão verbal harmoniosa e agradável aos ouvidos. [www.paulohermandes.pro.br](http://www.paulohermandes.pro.br).

<sup>9</sup> Diglossia - foi cunhada pelo lingüista grego Ioannis Psycharia, primeiramente em francês (*diglossie*), para designar a situação lingüística na qual, em uma dada sociedade, duas línguas funcionalmente diferenciadas coexistem, sendo que o uso de uma ou de outra depende da situação comunicativa. [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

<sup>10</sup> Sociolinguística - é a ciência que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina. Se para certas vertentes da lingüística é possível estudar a língua de forma autônoma, como entidade abstrata e independente de fatores sociais, para a sociolinguística a língua existe enquanto interação social, criando-se e transformando-se em função do contexto sócio-histórico. [ww.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/S/sociolinguistica.htm](http://ww.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/S/sociolinguistica.htm).

<sup>11</sup> Coloquial - é a linguagem popular usada no cotidiano. Wikipédia, enciclopédia livre.

*entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema (...) (LARAIA, 2006, pág. 101).*

Por um período de quase cinco décadas, após a vinda dos primeiros lusitanos para o Brasil, que ainda ficaria por muito tempo sendo identificado nos mapas como uma colônia de Portugal, os tripulantes das embarcações, que aqui permaneceram objetivaram a terra como uma moradia, a princípio sem muitas esperanças de desenvolvimento e progresso, principalmente no âmbito educacional.

Foi somente com a vinda dos primeiros jesuítas às terras coloniais lusitanas do além mar, em 1549, após 15 anos de fundação da Companhia de Jesus<sup>12</sup>, em Paris, França, pelo sacerdote espanhol Inácio de Loyola (1491-1556), que podemos referenciar o Brasil como uma porção de terra habitada, que passa a proporcionar alguma espécie de êxito em relação às verdadeiras intenções missionárias, embora não nos permitamos deixar de valorizar a educação já existente no Brasil; educação nativa que se perpetuou ao longo de gerações.

Podemos nortear o Brasil, desde então, como um espaço físico habitado que, pela primeira vez, com a chegada dos Sacerdotes de Cristo, tem contato com a realidade educacional; uma realidade formalizada e moldada na conformidade e nos preceitos dos países mais desenvolvidos da Europa. Foram os jesuítas, os pioneiros da oficial e legal aprendizagem transmitida aos primeiros bastardos da jovem nação brasileira.

---

<sup>12</sup> A Companhia de Jesus (em latim, *Societas Iesu*, abreviadamente S. J.) - cujos membros são conhecidos como jesuítas, é uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Íñigo López de Loyola (Santo Inácio de Loyola). É hoje conhecida principalmente por seu trabalho missionário e educacional. [www.paulohernandes.pro.br](http://www.paulohernandes.pro.br).

*(...) Desde o início, tanto na Terra de Santa Cruz quanto no Brasil, houve educação brasileira, porque as aulas eram ministradas na terra brasileira, para gente brasileira, embaixo de um sol brasileiro, para crianças da gente brasileira. Aliás, nunca foi e jamais será tão genuinamente brasileira a educação ministrada no Brasil, uma vez que, nesses primeiros séculos, a escola educava os curumins, os filhos dos indígenas do Brasil, os mais brasileiros de todos os brasileiros (...) (TOBIAS, 1973, pág. 15-16).*

Acompanhados pelo Padre Manuel de Nóbrega (1517-1570), ambos compondo a tripulação de Tomé de Souza (1503 – 1573), que seria o Primeiro Governador Geral das Capitanias Hereditárias, chegaram aqui, em número de seis jesuítas, marcando o início da História da Educação no Brasil (nos moldes europeus). Quinze dias após a chegada dos jesuítas, incentivados pelo por Tomé de Souza, fundam, na cidade de Salvador, Bahia, a primeira escola elementar.

Era realmente impossível imaginar uma colônia lusitana que existisse sem a influência jesuítica em relação à educação. Fortemente equilibrada e capaz de se comparar ao clero europeu nas questões de articulação política para os seus próprios fins e atos, a Companhia de Jesus atua com maestria e uma desenvoltura diplomática inigualável.

Os primeiros contatos com o povo brasileiro, mesmo com a intenção de efetuar a difusão do ensinamento cristão aos silvícolas e miscigenados, não foi trabalho dos mais fáceis, visto que além de uma língua nativa, já existente, e a língua portuguesa preservada pelos primeiros colonizadores, ainda se falava um outro dialeto.

Portanto, a princípio, os jesuítas optaram pelo bom senso de aprender a língua nativa, o Tupi, deixando de lado os conceitos expletivos da língua, tão enaltecido do Latim, para, em um ato talvez herege, estreitar os laços de comunicação. Trataram também de aprender esse novo dialeto que começava a tomar forma.

Em artigo da revista *Discutindo Literatura*, Ano 01, nº 01, 2006, pág. 15, Paulo Douglas Bearsoti, Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo, alude a um texto do Padre Antonio Vieira (1608-1697), que versa que: *É certo que as famílias de portugueses e índios de São Paulo estão tão ligadas hoje uma às outras que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.*

Surge assim o que podemos entender por pedagogia jesuítica, visto que, antes da imposição de disciplinas e ordenações, tinham eles que serem aceitos de forma natural pelos habitantes da Terra Nova; o Brasil.

Os jesuítas, mais do que quaisquer representantes do povo português elucidavam o que estava realmente acontecendo no Brasil.

A miscigenação que se proliferava naturalmente naquela terra era fruto da sobrevivência, e resultou no berço de uma nova civilização, forte e detentora de uma raiz inigualável que começava a firmar-se através da interação social, predominando em cada região, com características próprias, operando mutações culturais,



desenvolvendo segmentos tradicionais e inclusive, provocando a variação da língua falada, como forma natural de delimitação territorial.

Essas variações, que começavam a surgir por toda parte, e que atingiam não somente a estrutura lingüística como também, e talvez principalmente, a estrutura sociocultural, foram bem explicadas, e de forma bastante irreverente, pelo Antropólogo, Escritor e Político Brasileiro, Darcy Ribeiro (1913-1977), em seu Livro *O Povo Brasileiro* (1995), que originou o documentário que recebeu o mesmo nome, transmitido pela Rede Cultura de Televisão, em 2000, em que dizia:

*“...Não podemos chamar de outra coisa, senão de bastardos, os primeiros filhos desta terra, que foram a primeira matriz genuinamente brasileira. Crianças nascidas da concepção libertina de portugueses com índios. Não eram lusitanos, pois não ostentavam classe e mal sabiam se portar, além de não terem nascido em Portugal; também não eram índios, pois nasciam fracos e meio esbranquiçados, incapazes de plantar, colher ou caçar como os grandes guerreiros. Eram eles, a nova nação brasileira...”*

Portanto, o Brasil, desde o início forjou as suas propriedades, seja nos hábitos, seja nas interpretações, com as quais convivemos até hoje, seja na forma de se comunicar. Estilo nato e ímpar, em relação a grande diversidade de nações espalhadas por todo o mundo.

Uma enorme extensão territorial formada pelo habitante brasileiro, possuidor do ensinamento jesuítico, de características cristãs, sólida estrutura que se fixou na educação brasileira, e idealizador de uma gramática de traços irreverentes, cunhados

nas passagens históricas, no transcendentalismo educacional, nas margens literárias. Uma verdadeira nação mística em seu poderoso linguajar.

#### **4.2. A Influencia do existencialismo europeu na educação brasileira**

*(...) Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais (...)* (BORTONI-RICARDO, 2004, pág.23)

O ensino brasileiro não foi forjado em um método de aprendizado apenas cristão. Os jesuítas, altamente eruditos e conhecedores de universidades como a de Coimbra, em Portugal e das Escolas de Paris, em França, procuraram adaptar a sua bagagem pedagógica a uma outra realidade educacional; sendo esta, somente vislumbrada na chegada destes ao Brasil.

Pelo pensamento coletivo jesuítico, a cultura, mais do que tudo deveria ser preservada em solo ainda estranho.

Hábitos, costumes e tradições diferenciadas, bem como uma sensível interação já existente entre estes nativos e alguns portugueses, não poderia ser simplesmente modificada.

Talvez aqui, ficasse registrada a semântica da pedagogia jesuítica em relação a todo o ensinamento por eles proferido, o que se tornaria uma referência para outros sacerdotes espalhados por todas as colônias lusitanas no mundo.

*(...) O Brasil era terreno virgem, admiravelmente pronto para o trabalho educacional e catequético. Nos indígenas, e na simplicidade um tanto bronca, dos primeiros filhos de portugueses, ainda não existiam nem preconceitos filosóficos, nem idéias heréticas, nem lutas com outras ordens religiosas e nem os impedimentos de uma sociedade evoluída e artificializada (...) (TOBIAS, 1973, pág.49).*

Porém, mesmo com todo esse interesse por parte dos jesuítas e com uma característica ímpar em relação à personalidade de Manuel de Nóbrega, as mulheres não eram alvo de interesse para o ensino, devido ao seguimento de leis vigentes e fortemente alicerçadas nas tradições religiosas em Portugal e em todo o restante do solo europeu.

*(...) Contudo, somente indiozinhos, os “curumins” e os filhos de brancos recebiam educação escolarizada. Com seu bom senso e espírito despreconcebido das tradições européias, os índios da Bahia, assim parece, foram procurar Nóbrega e pedir-lhe que, também para suas filha, fundassem escolas (...) (IBDEM, 1973, pág. 52).*

Portando, o que hoje podemos entender por descentralização social, que resultou logicamente no fenômeno de fragmentação lingüística ocorrido no decorrer dos séculos, talvez seja o resultado desses primeiros conceitos sobre a educação em solo brasileiro. Fato quase que idêntico, aconteceria também com os primeiros negros que aqui chegaram.

*(...) Portugal agiu e moldou o Brasil, de longe e de perto. O negro, pelo contrário, só de perto, especialmente através do calor feminino, tanto da babá, que educou o filhinho do branco quanto da amante, que gerou o crioulo e as variantes do senhor da Casa Grande (...) (IBDEM, 1973, pág. 41).*

É certo que, mesmo antes, o negro já era interpretado como uma figura de baixo potencial para a alfabetização. Problemas socioculturais, que se iniciaram no além mar, nas colônias de escravidão africanas que já aludiam o negro como alguém não mais possuidor de alma ou qualquer outra espécie de razão que sustentasse a sua educação. Uma verdadeira supressão, herdada por nós brasileiros, combatidas pelos jesuítas, porém, firmada de cunho por El Rei de Portugal.

A usurpação do meio social no Brasil, embora não percebida na época, de forma tão intrínseca, resultou em nosso mais sério e maior problema, a discriminação social que posteriormente se fez refletir de forma significativamente nas questões sociolingüísticas.

Formou-se desde então, uma espécie de êxodo social, ora manipulado politicamente, ora posto em prática com o peculiar costume da naturalidade, outra marca registrada do povo brasileiro que sempre colocava à frente dos interesses de uma massa populacional, os interesses pessoais.

A descentralização começava a dar sinais evidentes de que faria parte de nossa história, vista pela óptica analítica de diversos ângulos. Para nós, o dá transformação lingüística que originou, desde o início de nossa educação uma espécie de marco preconceitual, levando à margem da sociedade da época, a princípio a figura feminina, tacitamente depreciativa, e posteriormente, a do negro, com requintes de desvalorização mais aflorados.

Apud MORENTE:

*“...O pensamento é tudo quanto se quiser, menos inocente, é tudo quanto se quiser, menos espontâneo. Começa a surgir á com a idéia de precaução e de cautela; é essa mesma idéia de precaução, de não reincidir nos erros do passado, de evitar esses erros, que imprimem uma direção ao curso do seu desenvolvimento...” (DESCARTES, Fundamentos da Filosofia, 1930, pág. 137).*

Seria então esse o rumo impensado de uma nação que clamava pelo seu desenvolvimento? O de diferenciar socialmente seres humanos, embasado em costumes arcaicos, denegrir imagens pessoais, sob a influencia de raízes tradicionais, e principalmente, preconizar uma ideologia educacional que levaria mais tarde ao princípio da demarcação da língua pela econômica estabilidade do poder?

Ora, não estaria correto então aludir ao fato de que a preconceituação seria também uma forma de seletividade? Mas, o que ganham os homens com isso? A massa quantitativa humana não é padroniza em sua intelectualidade e erudição, nem tão pouco os seus princípios culturais e as suas tradições são iguais, porém, por estarem sociologicamente unidos não seria propício à interação?

A própria Ontologia<sup>13</sup> humana, em conflito temporal com questões éticas e sociais, mas nunca abrindo mão da essência irracional do ser humano que, embora pregue uma vivência socializada para o mundo, emerge de seu Eu incansavelmente, para extrair dele alguma razão lógica que justifique as suas ações de qualificação humana; fato que permite até mesmo à justiça, algumas vezes, produzir interpretações sobre o que é ou não o princípio do preconceito.

---

<sup>13</sup> Ontologia - Significa a “Teoria do Ser” – Fundamentos da Filosofia, MORENTE, Manuel Garcia, 1930, pág. 279.

Mas, o pensamento humano não é uníssono. Se assim fosse, talvez falássemos a mesma língua em todo o mundo, ou mesmo, fôssemos adeptos de uma que nos fizesse compreender a todos os povos. Porém, o que vislumbramos é algo totalmente diferenciado. Uma grande quantidade de formas de expressão, às vezes centrada em um mesmo Estado<sup>14</sup>, como é o caso do Brasil, por exemplo.

Desde a morte de Manoel de Nóbrega a idéia de uma desestabilidade social no Brasil foi tomando forma e se fortalecendo na esfera governamental, pois as convicções que aqui aportaram com os primeiros colonos, e posteriormente, com aqueles que passaram a optar pelas terras novas como local de moradia, são concepções alicerçadas no racional pensamento humano que tem, acima de tudo a mastreia de subjugar classes menos favorecidas em um espírito de competição que lhe proporciona vantagens. Sendo assim, com a morte de Nóbrega, foram enterrados também seus conceitos democráticos de educação.

Desta forma, podemos traçar uma linha cronológica dos principais momentos de nossa educação ao longo dos períodos sócio-políticos no Brasil, procurando entender em que momento deu-se tamanho disparate social que fragmentou a população brasileira.

### **4.3. Criação familiar e êxodo social, os alicerces do preconceito linguístico no Brasil**

---

<sup>14</sup> Estado: instituição organizada politicamente, socialmente e juridicamente, ocupando um território definido, normalmente onde a lei máxima é uma Constituição escrita, e dirigida por um governo que possui soberania reconhecida tanto interna como externamente. Um Estado soberano é sintetizado pela máxima "Um governo, um povo, um território". O Estado é responsável pela organização e pelo controle social, pois detém, segundo Max Weber, o monopólio legítimo do uso da força (coerção, especialmente a legal). pt.wikipedia.org.

(...) Possuidor de um tesouro de signos que tem a faculdade de multiplicar infinitamente, o homem é capaz de assegurar a retenção de suas idéias eruditas, comunicá-las para outros homens e transmiti-las para os seus descendentes como uma herança sempre crescente (...) (LARAIA, 2006, pág. 26-27).

Mas, como podemos identificar a idéia de socialização no bojo do ser humano quando em conflito com os seus próprios cultos e segmentos tradicionais, que o levam muitas vezes a praticar insanamente a irracionalidade da discriminação?

Já, no início da educação brasileira, vislumbravam-se situações que certamente provocariam o fenômeno das chamadas camadas sociais, fato comum em toda a história do mundo, visto que o ser humano age também por instinto de sobrevivência, necessitando alcançar a sua estabilidade, individual, familiar ou mesmo coletiva, criando o seu clã, mesmo que para isso, afague anseios alheios.

No Brasil colonial não foi diferente, e resultou também na fragmentação da socialização educacional. Embora, no período jesuítico a educação brasileira estivesse bem ampara em relação a uma pedagogia de caráter forte, nada era suficientemente sólido para impedir que as questões de ordens preconceituais emergissem no convulso do progresso econômico no país.

A *Ratium Studiorum*<sup>15</sup>, processo educacional utilizado no período jesuítico, estabelecia um sistema de aprendizagem em que a interação sociocultural era

---

<sup>15</sup> Ratium Studiorum - Foi definitivamente aprovada em 1599, fundada numa experiência de quarenta anos. A proposta educacional jesuítica deve ser entendida dentro do contexto que lhe deu origem, marcado pelos descobrimentos, pelo desenvolvimento mercantilista, pela renovação espiritual. [www.inep.gov.br/PESQUISA/BBE-ONLINE](http://www.inep.gov.br/PESQUISA/BBE-ONLINE).

trabalhada em sua essência, porém, não se tratava de uma essência de resgate da cultura e tradição de todos os povos que aqui habitavam.

Conforme citado no item 2.2., págs. 21, deste capítulo, o negro possuía tratamento diferenciado das demais raças.

E por que não tecer um outro comentário, e este em âmbito familiar; a mulher, considerada pelas leis e dogmas europeus como um objeto de significados ínfimos frente à soberania do homem, não era educada, e sequer alfabetizada.

*(...) O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmos as posturas são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (...) (LARAIA, 2006, pág. 68).*

Embasados nessa interpretação podemos dizer que o jugo estabelecido sobre raças, ou mesmo, em determinadas épocas, sobre a própria identidade feminina, foram fatores preponderantes para que houvesse uma postura preconceitual, descentralizadora do meio e, acima de tudo, que provocasse o fenômeno sociolinguístico que vislumbramos contemporaneamente, porém, de forma ainda mais discriminada.

Mulheres e Negros foram os primeiros a sentirem o impacto do segmento educacional; e por que não chamá-lo de Reforma. Uma etapa de nossa jornada histórica em que os conceitos europeus arguam ainda mais aflorados em nossas questões cidadãs. Porém, herdamos desse período, a chamada Língua Geral.



MATTOS E SILVA, em seu texto *O Português Brasileiro*, disponível no site do Instituto Camões, discorre sobre o tema:

*“...Uma certa homogeneidade cultural e lingüística, ao longo do litoral, a partir do Rio Grande do Norte, e também na Bacia do Paraná-Paraguai, tornou possível a gramatização da Língua mais falada na costa do Brasil, título muito adequado da gramática do Padre José de Anchieta, publicada em 1595. Essa língua estará na base do que no século XVIII veio a se designar de língua geral...”*

Caminhamos assim, cronologicamente para um outro período de nossa educação, quando, em 1759, o então Primeiro-ministro Sebastião José de Carvalho e Melo<sup>16</sup>, conhecido por Marques de Pombal (1699-1782) objetivou interesses totalmente avessos aos dos jesuítas em relação ao progresso do Brasil, tanto no que podemos aludir sobre a educação quanto mesmo, sobre a economia, a sociedade crescente etc: fatores que corroboraram ainda mais para a depreciação de nossa Língua Materna.

*(...) John Locke (1632-1704) influenciava então, a Europa, inclusive a Educação de Portugal. O mestre inglês colocava a educação moral com centro de todo o sistema escolar; só nobre era objeto de educação: a seu modo e de acordo com a época, é a aristocratização da educação, inclusive, portanto, da educação luso-brasileira (...)* (TOBIAS, 19, pág. 111).

Foi sob a influência de Locke que o Marques de Pombal estabeleceu as suas regras em relação à educação brasileira. Para ele, o Brasil precisava, acima de tudo suprir as necessidades econômicas de Portugal e para isso, se fazia mister deixar as

---

<sup>16</sup> Sebastião José de Carvalho e Melo: Mais conhecido como Marquês de Pombal ou Conde de Oeiras (1699-1782), foi um Estadista e Nobre Lusitano. Foi Secretário de Estado no reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas e carismáticas da História Portuguesa. [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

relações cristãs de lado, e partir para uma ofensiva estratégica que edificasse as colônias edificadas no Brasil, sobre alicerces econômicos.

Com isso, o ensino deixaria de ser para todos; somente posseiros estabilizados financeiramente poderiam aludir ao horizonte da educação. Isso se deu para as famílias que já haviam se estabelecido no Brasil e detinham o poder político e econômico; ou caminhavam para tal. O mito do Padre, assim como o mito do Doutor, já se faziam presentes no seio familiar nesta época, fator imprescindível para estabelecer regras ainda mais formais em nossa língua, provocando supressão e desmotivação social.

Podemos sugerir que até meados do século XVIII, o multilingüismo generalizado caracteriza o território brasileiro, até certo ponto freado pelas leis pombalinas de política lingüística.

Sendo assim, o ensino para todos, como pregavam os jesuítas, esse foi sendo literalmente aniquilado, ocasionando o afastamento dos povos que viviam nas cidades-colônias ou ao redor delas, de forma economicamente estruturada, das famílias dos proletários que, sem motivação para aprender, ou mesmo sem recursos para tal, assumia uma condição de cidadania inferior, dando início ao êxodo, provocando a desurbanização dos grandes centros já existentes.

*(...) Agora, já se pode observar, na educação brasileira, dois períodos, nitidamente diferenciados e personalizados. A “Educação Cristã” e o início da “Aristocratização do Ensino” (...) (TOBIAS, 1973, Pág. 124).*

O que podemos então pensar desse afastamento? Famílias inteiras ceifando o seu processo educacional; afastadas dos povos indígenas, pois estes já não eram mais do interesse de Portugal, não somente em relação à educação; digamos, em uma esfera totalitária. Já retornavam às matas, como saíam das cidades as famílias de condições precárias, rumo a um lugar, a uma terra, que lhes proveesse ao menos o sustento.

lam estes, com os conceitos gramaticais que aprenderam, para mantê-los em regiões afastadas, mescladas com a herança miscigenada de povos como espanhóis, holandeses, franceses, e levavam o dote de inúmeras palavras e expressões indígenas. lam sim, mas deixavam para trás, a sua herança também. Daí, em face de conceitos culturais e tradicionais; também em face de uma política mutável que predominava na Europa e manifestava-se no Brasil por intermédio de uma subserviência lusitana à Inglaterra, principalmente, fomos criando características próprias de uma Língua Portuguesa, falada e desenvolvida em solo brasileiro.

*(...) A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade (...) (LARAIA, 2006, 67, pág).*

Seria, desde então, a nossa Língua Materna, a nossa Língua Portuguesa, com características próprias, com palavras do nosso Tupi ou Guarani, detentora de um expressionismo tão variado, até que se fosse estabelecida, por força puramente política e econômica; linguajar formal, identificado pela solidez culta, que se diferenciasse das

demais expressões. As relações separatistas na sociedade brasileira e toda uma influência em nossa educação não pararam por aí.

*(...) Fenômenos e coisas existem que sobressaem entre as demais de sua espécie; alguns deles se destacam por projeção social fora do normal, pelo menos do normal, admitido e provado pela razão humana (...)* (TOBIAS, 1973, pág. 72).

Despede-se Pombal de sua soberana estada no poder lusitano, obtinivendo seu registro próprio nos anais da história de Portugal e do Brasil, e chega então a época em que passaríamos a sediar a Família Real na província de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 22 de janeiro de 1808, trazendo consigo um Séqüito Real de cerca de quinze mil lusitanos, que perfaziam a intimidade da Corte, todos praticamente banidos do vasto território europeu que se encontrava quase que em sua totalidade sob a ira estratégica de Napoleão Bonaparte (1769-1821).

Para o historiador lusitano Francisco Bethencourt<sup>17</sup> (1955-): *Temos que considerar que, naquele período, Napoleão tinha humilhado as principais monarquias européias e o príncipe regente Dom João percebia que, se Napoleão ocupasse Portugal, evidente que sofreria uma humilhação e seria preso.*

Podemos dizer que tais acontecimentos foram nocivos ao nosso crescimento como cidadãos brasileiros.

---

<sup>17</sup> Francisco Bethencourt: Nasceu em Lisboa, em 1955. Foi diretor da Biblioteca Nacional de Portugal (1996-1998) e atualmente dirige o Centre Culturel Calouste Gulbenkian, em Paris. Doutor em História pela European University Institute, Florença, Itália. Professor na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi professor visitante na Brown University, nos Estados Unidos, e na USP, Brasil. Organizou em colaboração o volume *A memória da nação* (Sá da Costa, 1991) e a coleção *História da expansão portuguesa* (5 vols., Círculo de Leitores, 1998-1999).

D. João VI se estabelecia no Brasil, e com ele farta quantidade de intelectuais lusitanos, e outros convidados de França, Espanha, Inglaterra e Itália. A chegada de inúmeros forasteiros, hospedados quase que imediatamente nas residências aqui existentes e de propriedade daqueles que já se consideravam o povo brasileiro, expulsos, tal qual fizeram outrora com os índios, quando se apossaram de suas terras e ali demarcaram terrenos imensos, talvez tenha sido o ponto máximo da descentralização ocorrida no país.

O que dizer de um súbito despejo, de uma grande quantidade de cidadãos já estabelecidos e vivendo em sociedade, sendo banidos para o nada?

Partimos assim, do princípio da situação periférica das cidades brasileiras, a começar pela fluminense. Isso fazia surgir um fenômeno que podemos classificar como Êxodo Urbano.

Somos, em relação à educação brasileira, fruto dessa reurbanização, bem como o são, a nossa raiz gramatical, lingüística, e as suas inúmeras variações. Não somente no que se refere ao fenômeno migratório dos lusitanos, mas também, do fato de que este e outros processos discriminatórios objetivaram o isolamento de nossos dialetos portugueses, das nossas variantes lingüísticas, provocando assim, o surgimento de uma norma culta de comunicação, tanto verbal como gramatical.

Novos hábitos e costumes, do linguajar de “arrasto”, que se confundia com o já existente no Brasil, com palavras Tupis e Guaranis já incorporadas à nossa Língua Materna.

Cientificamente falando, podemos perceber que, desde então, as divisões dialetais no Brasil são menos geográficas que sócio-culturais. Os estudos sociolinguísticos no demonstram que o Português Brasileiro é variável, definindo-se assim a Norma Culta e o chamado Português Brasileiro popular.

Logo, estaríamos sorvendo novos ensinamentos, estaríamos compactuando com outros estilos de educação; não mais o jesuítico, porém, nem tão pouco a lacuna deixada por Pombal, mas uma inovação, tenra, proveniente do que existia de mais avançado na Europa. Afinal, éramos o braço Real de Portugal.

Novas escolas, Faculdades, e uma biblioteca com cerca de dez mil exemplares passavam a fazer parte do acervo educacional brasileiro.

Aqui seriam estabelecidas posturas didáticas forjadas na sociologia do renomado filósofo Isidore Auguste Marie François Xavier Comte (1798-1857), que seria o grande incentivador de nossa educação, no Período Joanino (1808-1821) e no Período Imperial (1822-1888) e posteriormente, nos trabalhos científicos de Émile Durkheim (1858-1917), fundador da sociologia francesa, que combinava em seus estudos, o empirismo<sup>18</sup> com a teoria sociológica; e já fazia parte de outra realidade de nossa história da educação; o Período da Primeira República (1889-1929) e do Período do Estado Novo (1930-1936).

---

<sup>18</sup> Empirismo - Teoria segundo a qual todo conhecimento provém da observação e da experiência, ou ainda, doutrina filosófica que acredita somente no conhecimento empírico, isto é, o conhecimento originado na experiência. Algo é "empírico" quando a sua veracidade ou falsidade pode ser verificada tendo como referência os fatos que a experiência revelou. Assim sendo, "empírico" é aquilo que se baseia exclusivamente pela experiência, baseada não na teoria, mas sim, em fatos ocorridos. [www.euniverso.com.br/Oque/empirismo.htm](http://www.euniverso.com.br/Oque/empirismo.htm)

#### 4.4. Os efeitos do fenômeno sociolinguístico

*(...) O trato contínuo em nossa vida, com as coisas faz com que a mente forme os conceitos. Se esses conceitos estão bem formados como é devido, então refletem exatamente a realidade. Se não estão bem formados esses conceitos, é necessário corrigi-los (...) (MORENTE, 1930, pág. 134).*

Podemos então sugerir um Brasil de conceitos também miscigenados, porém, impotente diante da política externa. Um país jovem, ainda em crescimento, com alicerces educacionais sem qualquer maturidade frente a uma solidez educacional européia, e por que não dizer também, norte-americana.

Não há que se duvidar também da existência, ainda hoje, de uma grande influência religiosa em nosso país; um exemplo disso pode ser encontrado em inúmeras cidades interioranas por todo o país que preservam a estrutura física de uma Igreja Católica nas praças do centro da cidade, tendo o vigário como um forte influenciador das questões políticas e sociais locais.

Parece que nada mudou desde o feudalismo europeu, não? Quando o clero firmava a sua vontade em nome de Deus.

E por que não aludir ao fato de que ainda se exige o catecismo no Ensino Fundamental II em grande parte territorial desse Brasil de cidades e lugarejos esquecidos no mundo.

*(...) Tanto isso é verdade que, somente em 1870, através dos Estados Unidos, país considerado anglo-saxão, é que será fundada, na cidade de São Paulo, a primeira escola protestante no Brasil, a “Escola Americana”, origem da atual Universidade Mackenzie (...)* (TOBIAS, 1973, pág. 35).

Portanto, chega a ser impossível nos referirmos ao ensino dentro um país emergente sem tecer importantes comentários sobre a influência que a economia exerce na rotina e nas mudanças pedagógicas propostas em sua educação. Tal fenômeno, no Brasil, desde o início de nossa educação, com os jesuítas, gerou transtornos sociais dos mais significativos.

Censos<sup>19</sup> atuais referenciam a grande diversidade de dialetos falados em todo o país, oriundos de um isolamento forçado, surgido no passado em consequência de uma postura rígida de valores ainda tecidos sobre o dogma europeu.

São populações à margem de nossos rios, sertanistas, quilombeiros e uma enorme variedade de *guetos* também freqüentes em zonas urbanas. Uma verdadeira mesclagem de imigrantes de áreas de condições mais precárias, que habitam os subúrbios das grandes cidades brasileiras e misturam a sua cultura e tradições com a dos povos ali assentados.

Seria esse fenômeno tão diferente do que aconteceu em nosso passado de colonização quando a sociedade brasileira começou a aflorar e a edificar a sua própria comunidade, às voltas da nobreza?

---

<sup>19</sup> Censo - cálculo quantitativo do número de pessoas em uma dada região, cidade ou estado de um determinado país. Wikipédia, enciclopédia livre.



Assim, acontece a metamorfose social. Urbanistas e ruralistas, tornando-se através do convívio social, um povo rurbanizado<sup>20</sup>. Porém, não podemos deixar de lembrar da existência dos nossos povos indígenas; silvícolas ainda existentes no Mato Grosso, na Amazônia e em nossos antigos territórios do Acre, Rondônia e Roraima, sem contato com o chamado Homem Branco. Talvez a maior preservação natural de línguas nativas que o mundo já teve conhecimento.

*(...) O multilingüismo perdura: ainda hoje, apesar de a língua portuguesa ser a língua oficial majoritária no Brasil, persistem cerca de 180 línguas indígenas, com a média de 200 falantes por língua, faladas por 300.000 a 500.000 índios (estimativas de 2000), perfazendo 0,2 da população brasileira, que atinge hoje um total de 169.544.443 h, segundo os primeiros resultados do Censo 2000 (...) (MATTOS E SILVA, O Português da Gente, Instituto Camões).*

O trabalho, as instituições de ensino, o encontro de fronteiras estaduais, sertanistas, pampeiros, cada qual, adaptando a Língua Portuguesa às suas peculiaridades culturais.

E para nortear o parágrafo em epígrafe, faço alusão a dois ícones de nossa literatura, que sobrepujaram conceitos literários, cada qual com o seu estilo e forma, para edificar a literatura brasileira. Citamos aqui, um trecho do poema *Aos Poetas Clássicos* de Antonio Gonçalves da Silva (1909-2002), popularmente conhecido por Patativa do Assaré:

---

<sup>20</sup> Rurbano - adj (rur(al)+urbano) neol Diz-se da área de transição entre a cidade e o campo; suburbano. *sm* O habitante dessa área. [www.hostdime.com.br/dicionario/rurbano.html](http://www.hostdime.com.br/dicionario/rurbano.html).

*“...Poetas niversitário,  
Poetas de Cademia,  
De rico vocabularo  
Cheio de mitologia;  
Se a gente canta o que pensa,*

*Eu quero pedir licença,  
Pois mesmo sem português  
Neste livrinho apresento  
O prazê e o sofrimento  
De um poeta camponês...”*

E comparemos com o poema *Pela luz dos olhos teus*, de autoria do cidadão urbano, fluminense, também de renomado prestígio chamado Marcus Vinicius da Cruz de Melo Moraes (1913-1980), popularmente conhecido como Vinícius de Moraes:

*“...Quando a luz dos olhos meus  
E a luz dos olhos teus  
Resolvem se encontrar  
Ai que bom que isso é meu Deus  
Que frio que me dá o encontro desse olhar...”*

Notemos, porém, que, ambos são poemas conceituados e requeridos pela educação de nossa literatura brasileira, mencionados em seminários, palestras, e até mesmo em testes de vestibulares como objeto de análise.

Mas, o primeiro não está totalmente fora dos padrões de nossa Norma Culta? O que o faz tão célebre aos olhos dos nossos literários. Talvez o resgate do expressionismo de um povo.

Patativa do Assaré, embora autodidata, e de pouquíssimo estudo em sala de aula, possuía condições de letramento que o permitiam ter plena convicção de sua forma abstrata e expressionista ao escrever, e o fazia a fim de perpetuar uma corrente sertanista na totalidade de sua essência cultural.

Sabia da existência de uma Norma Culta e sabia ainda mais, como utilizá-la, porém, preferia brincar com o objeto literário a fim de causar o impacto necessário para promover o seu reconhecimento.

Já Vinícius de Moraes, devido a sua criação em uma cidade de cultura e tradição mais formais, haja vista a farta literatura oriunda de suas alamedas, esquinas, morros e ruelas, visto também a notoriedade com que assumia cargos públicos, preferiu dar vida a sua literatura de maneira mais formal.

Pela óptica do homem brasileiro, quem estaria mais próximo de nossa real e verdadeira Língua Materna? Talvez os dois, se o discernimento fosse puramente de análise literária, pois devemos à Língua Portuguesa, o devido respeito de ser a quinta língua mais falada em todo o mundo.

A nossa Língua Portuguesa necessita sim de uma vigília constante quanto a sua formal e real gramatização, e quanto a sua postura, a fim de possibilitar uma leitura

entendível, e uma escrita legível no que se refere ao segmento gramatical de nossa Norma Culta.

Apud BAGNO:

*“...Há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades lingüísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença...” (Mesa-redonda na 52ª Reunião da SBPC, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2000).*

Mas, respeitá-la também, não somente por parte do brasileiro que vai à escola e leva consigo o seu pitoresco linguajar; entendê-la sim, de forma pedagógica e acadêmica.

Tal menção será destrinchada de forma minuciosa no capítulo 2 dessa obra quando abordaremos cronologicamente a literatura brasileira, pela obras de escritores que insistiam em referenciar as variações lingüísticas como forma de protesto ao arrocho social que a Norma Culta impunha as populações periféricas.

Diacronicamente<sup>21</sup>, obtemperaremos uma postura enaltecadora de nossa cultura secular, como forma de demonstração de uma língua que é mutável, que sofre variações constantes no decorrer de sua história e que deve ser entendida pelos

---

<sup>21</sup> Diacronia - s.f. Caráter dos fenômenos lingüísticos estudados do ponto de vista de sua evolução no tempo. (Antôn.: *sincronia*). [www.hostdime.com.br/dicionario/diacronia.html](http://www.hostdime.com.br/dicionario/diacronia.html).

nossos educadores e repassadas em sala de aula, destruindo o paradigma do preconceito linguístico.

## **5 – VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS SOB A ÓPTICA DA LITERATURA E DA GRAMÁTICA NORMATIVA NO BRASIL**

### **5.1. Um conceito linguístico de natureza fisiológica**

*“...Em um conceito mais aprofundado sobre o Homem, podemos citar a inusitada frase do Filósofo Francês Henry-Louis Bergson (1859-1941) quando disse que: Tudo muda sobre um fundo de permanência. Ou mesmo, a compreensão metafísica de sua contemporânea, a Teósofa<sup>22</sup> Russa Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891) quando afirmou: Do ponto de vista subjetivo, tudo é um eterno ser, e do ponto de vista objetivo, tudo é um eterno Vir-a-ser...”*

O corpo humano, na esfera social, é reconhecido pela sua construção orgânica em que a harmonia e o sincronismo são imprescindíveis para a interação fisiológica. Também podemos nos valer do fato de que a sua construção nos é costumeiramente íntima quando apenas a enxergamos como um todo, não necessitando precisar as suas conexões, ignorando detalhes minuciosos de sua engrenagem, e apenas, o vislumbrando, sem emergirmos em seus mistérios científicos, mais profundos.

Um verdadeiro instrumento de vida e locomoção que, se não fosse a capacidade natural de socialização, poderíamos conceituá-lo como, quase que independente. A semântica de sua existência, conectada está na origem de sua coletividade, em que

---

<sup>22</sup> Teosofia – A origem da palavra é grega e significa primária e literalmente Sabedoria Divina. Foi cunhada em Alexandria, no Egito, no século III d.C. por Amônio Saccas e seu discípulo Plotino que eram filósofos neo-platônicos. Teosofia, portanto, é uma Sabedoria Viva, o ideal que o verdadeiro teósofo busca alcançar e manifestar em sua vida diária como serviço à Humanidade. [www.sociedadeteosofica.org.br/teosofia](http://www.sociedadeteosofica.org.br/teosofia).

oportuna a adaptação do meio e transforma-o para obter dele melhores condições de sobrevivência; o destrói também, achando nas entrelinhas do holocausto, ainda um significado para as suas atitudes.

Foi assim no passado, com a divisão dos povos, com a eliminação de grandes tesouros, com a incineração de acervos; e é assim no presente, com a articulação de poderes, com a destruição da vida inferior, com a equalização do sistema, sempre tomando por base o que há de mais sustentável no mundo capital.

Mas, no afã da sobrevivência, surge então os ideais do existencialismo, e as suas máximas que sofrem mutações no decorrer das eras, a fim de estabelecer regras de fácil e ordenada convivência.

O ser humano assim o é, um arquiteto da vida, tentando ajustar o mundo à sua própria existência; por ser autêntico, conquistador e de natureza extremamente temperamental.

Provoca e promove mudanças, que naturalmente são incorporadas à sociedade; e também nos padrões éticos e morais, também na lógica ou na ficção; é assim com uma de suas formas mais primitivas de contato, a comunicação; através da fala. Portanto, para entendermos tais mudanças é preciso saber como elas são absorvidas pelos nossos instintos, armazenadas pelo processo de sinapse<sup>23</sup>, e por fim, adaptadas,

---

<sup>23</sup> Sinapse – São os pontos onde as extremidades de neurônios vizinhos se encontram e o estímulo passa de um neurônio para o seguinte por meio de mediadores químicos, os neurotransmissores. As sinapses ocorrem no contato das terminações nervosas (axônios) com os dendritos. O contato físico não existe realmente, pois as estruturas estão próximas, mas há um espaço entre elas (fenda sináptica). Dos axônios são liberadas substâncias neurotransmissoras, que atravessam a fenda e estimulam receptores nos dendritos e assim transmitem o impulso nervoso de um neurônio para o outro. Wikipédia, a enciclopédia livre.

capazes de perpetuar por gerações, sedimentando novas formas de comunicação, escrita e falada.

O ser humano é desprovido de um aparelho que se destine à produção do som. Neste caso, a laringe tem função específica na proteção do aparelho respiratório contra objetos sólidos ou líquidos que pudessem causar asfixia.

O som é produzido por vários órgãos que trabalham em conjunto, e como resultado, tem-se a voz. São eles: aparelho respiratório, a laringe, as cavidades de ressonância e os articuladores. Órgãos capazes inclusive de influenciar ações motoras do nosso organismo, e estamos nos aludindo ao Aparelho Fonador, influenciando o intrínseco processo da verbalização.

Condições climáticas, sociais e políticas, já comprovaram exercer forte influência na transformação do Homem, tanto no que se refere aos aspectos físicos e comportamentais, como também na forma pela qual condiciona o seu estado de sobrevivência na sociedade em que habita, na comunidade que frequenta, ou nas crenças que o conduzem, porém, nenhuma delas é tão marcante e soberana quanto a comunicação.

E todo esse processo mutável permite ao Homem a sua evolução em diversos aspectos, dentre eles a evolução da socialização, porém, não obstante a essa particularidade não encontrada em nenhum outro ser vivo, o Homem centra-se comunitariamente ainda de forma animalesca, delimitando espaços e cerceando o seu território a fim de compartilhar causas e conhecimentos apenas com aqueles que

estabelecem sintonia de recepção e conseguem harmonia quando aceitos por receptores.

A nossa fala, que foi no decorrer das eras amoldando-se comunitariamente em cada território do globo, praticamente condicionou-se margeando os primeiros rabiscos do ser humano até que dele surgissem linhas entendíveis coletivamente, e assim, formalizadas para que, dali em diante, surtisses uma espécie de aceitação geral.

A fala deu origem às transcrições, e estas, às leituras, que por sua vez modificaram a fala, padronizando a grafia, que se tornou gramática. Referimo-nos aos primórdios, porém, não podemos deixar de classificar as mais recentes referências em relação aos estudos científicos dos séculos XIX e XX, como também um fator extremamente radical e persuasivo na escolha da comunicação formal para uma comunidade.

Para a semiótica, comunicar-se é materializar o pensamento e o sentimento através de Signos<sup>24</sup> conhecidos pelos agentes da comunicação. Para Ferdinand de Saussure<sup>25</sup> (1857-1913), Lingüista Suíço, a lingüística poderia ser entendida como um segmento científico a ser estudada pela Semiologia<sup>26</sup>, que ordena o estudo dos signos bem como o significado processual de sua estética.

---

<sup>24</sup> Signos – Ferdinand de Saussure descreveu o signo como uma combinação de um *conceito* com uma *imagem sonora*. Uma imagem sonora é algo mental, visto que é possível a uma pessoa falar consigo própria sem mover os lábios. Mas em geral, as imagens sonoras são usadas para produzir uma elocução. pt.wikipedia.org.

<sup>25</sup> Ferdinand de Saussure – Foi um Lingüista Suíço cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da Lingüística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muito dos questionamentos que comparecem na Lingüística desde o século XX. pt.wikipedia.org.

<sup>26</sup> Semiologia – Do grego *semeiotiké* ou "a arte dos sinais", é a ciência geral dos Signos e da Semiose que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação. Ocupa-se do estudo do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura, do conceito de idéia. Mais abrangente que a Lingüística, a qual se restringe ao estudo dos signos lingüísticos, ou seja, do sistema sígnico da linguagem verbal, esta ciência tem por objeto *qualquer sistema sígnico*. Wikipédia, a enciclopédia livre.



Ato contínuo, o de *Falar e Ouvir*, ele está diretamente ligado a um Emissor e a um Receptor, que estabelecem uma comunicação natural, somente na medida em que o entendimento dos signos esteja sendo compartilhado.

Isso só acontece quando ambos os sujeitos da comunicação estão de acordo com o entendimento do processo, em toda a sua plenitude, tornando-se a principal característica da metodologia da comunicação. Quando *Significante*<sup>27</sup> e *Significado*<sup>28</sup> tornam-se peças naturais de uma mesma conclusão, levando ao entendimento recíproco do que se estabelece na comunicação.

*Para Saussure: O Significado corresponde a um conceito, e o Significante a uma imagem acústica ou gráfica desse conceito. Deste modo, podemos dizer que o signo é uma entidade de duas faces, intimamente ligadas, que se reclamam reciprocamente quando nos comunicamos.*

Para renomados mestres da ciência da comunicação, encontrar o ritmo do esclarecimento sobre as questões da fala humana bem como o seu discernimento é contribuir sobremaneira para que os homens possam valorizar ainda mais o contexto histórico de suas origens lingüísticas, através da Diacronia Linguística<sup>29</sup>, a fim de vislumbrar a natural evolução da raça como também do próprio Signo, incorporado em cada um de seus gestos, na coletividade.

---

<sup>27</sup> Significante - Termo da nomenclatura lingüística que designa a imagem acústica, isto é, a seqüência de fonemas que, associada ao significado, forma o Signo. Exemplo: a seqüência de fonemas /m/ + /a/ + /r/ @ /mar/ é um significante. [www.pauloherndes.pro.br](http://www.pauloherndes.pro.br).

<sup>28</sup> Significado - Em Lingüística, é o conceito, a idéia que se tem de alguma coisa. Esse conceito pode variar de pessoa para pessoa e com o passar do tempo. A idéia que se tem do vegetal "árvore" é o significado, que, juntamente com o significante /arvore/, compõe o signo lingüístico *árvore*. [www.pauloherndes.pro.br](http://www.pauloherndes.pro.br).

<sup>29</sup> Diacronia Linguística - Em se tratando de lingüística, propõe um estudo não as relações entre os termos coexistentes de um estado de língua (como acontece na sincronia), mas entre termos sucessivos que se substituem uns aos outros ao longo do tempo. É a lingüística tendo como alicerce e viés de leitura a história dos termos. Wikipédia, a enciclopédia livre.

Esta associação das coisas do mundo é a principal referência das crianças que começavam a conviver com o espaço alheio. Este, por sua vez, rico em conteúdo funciona inerte, tal qual cenário em uma peça, em que o protagonista vivencia o linear temporal, interagindo com o meio e principalmente, se valendo da comunhão fisiológica de alguns de seus órgãos, para produzir sentido e discernimento.

Segundo o lingüista e professor universitário William Labov<sup>30</sup> (1927-), um dos grandes influenciadores do estudo linguístico em relação ao comportamento social, denominado de *Sociolinguística*<sup>31</sup>, a língua existe e sobrevive enquanto interagindo de maneira socializada, transformando-se em função de um contexto histórico-social.

É assim que se inicia todo um processo de aprendizado da comunicação dentro de uma sociedade, que deve ser entendido, a princípio, como um aprendizado limitado visto que a língua passou a assumir diferentes formas de co-existir e só pode ser fruto de um único relacionamento comunitário, no início, pela necessidade de sobrevivência e depois, por fatores adversos, tais como as relações interacionais que levam povos a compartilharem os seus conhecimentos.

Podemos citar como exemplo básico a comunicação que dois povos estabelecem em regiões diferentes, em que a figura do Signo existe, porém, não pode ser interpretada com o mesmo cabedal de erudição de ambos os povos em relação às

---

<sup>30</sup> William Labov - Lingüista americano nascido em 1927, considerado o fundador da disciplina da Sociolinguística. É empregado professor no departamento de Lingüística da Universidade de Pensilvânia. [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

<sup>31</sup> Sociolinguística - é a ciência que estuda a língua da perspectiva de sua estreita ligação com a sociedade onde se origina. a sociolinguística permitiu o estudo científico de fatos lingüísticos excluídos até então do campo dos estudos da linguagem, devido a sua diversidade e conseqüente dificuldade de apreensão. [www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes](http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes) – Dicionário de Termos Literários.

formas de expressão visto que, ali foram estabelecidas grafias e verbalizações distintas, originando a separação dos referidos povos.

É justamente por meio da pesquisa de campo que a sociolinguística pode compreender as origens da diversidade lingüística e, em se tratando de um único povo, do porque tantas variações acarretam o isolamento sociocultural e a transformação, ao longo dos anos, do comportamento verbal, provocando a preconceituação, ora momentânea, ora de forma a transpor gerações, até ocasionar o desconhecimento histórico de nossa própria etnia, em prol de uma irreversível uniformização normativa, que não contabiliza danos sociais.

*(...) A Norma é o ponto de chegada no processo de uniformização e nivelamento da língua. A própria sociedade se encarrega de preservar o uso, que ela própria estabeleceu. Grande é a preocupação em todos os níveis da comunidade, em sujeitar-se a esse acordo tácito comum, de tal forma que estamos constantemente, em termos de língua, à procura de saber o que é certo ou errado, o que se pode ou não se pode dizer (...) (PRETI, 2003, pág. 51),*

O fato é que o ser humano cria domínios de formas diferentes, através de invasões, heranças, conquistas e também, levando aos povos, certa comunhão, através da educação, da forma de se comunicar e da cultura, resultando com isso, ou uma homogeneização de valores, ou na supressão de tudo o que é frágil e desalicerçado.

Mas, e quando essa separação surge dentro de um povo, provocando em seu seio social, a distinção do mesmo discernimento do Signo, apenas porque temos ali

características gráficas diferentes, e até disformes, visto que existe uma padronização elementar, em todas as formas de comunicação?

E se nos embrearmos ainda mais no cientificismo ideológico da questão, podemos referenciar a grande quantidade de verbalizações que, pela óptica da estética podem ser consideradas dantescas.

Existe aí uma explicação plausível sequer, para tanta diversidade? E se existe, tal explicação, pode ser objeto de estudo coletivo a fim de que entendamos que a origem é simbólica e não perpetua uma raça, que naturalmente se desloca, se amolda, se cultua e se tradicionaliza criando e fazendo valer-se de seus próprios diferenciais?

## **5.2. A Gramática e os seus conflitos lingüísticos.**

*(...) Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social (...) (BORTONI-RICARDO, 2004, pág.33)*

É sabido que os nossos gramáticos e escritores foram forjados pela herança literária européia, e principalmente lusitana, e muitos deles sequer saíram do Brasil para vislumbrar pessoalmente toda a essência social e filosófica que modificava desenfreadamente a Europa. Verdadeiro berço da arte e da literatura ocidental, a Europa, a própria metafísica da inspiração dos escritores americanos.

Foram necessárias muitas décadas após cada país se desvencilhar do jugo dependente de seus mantenedores para que a gramática e a literatura adquirissem um aspecto mais conterrâneo. Esse fenômeno aconteceu em cada país do continente americano de forma individual e peculiar, formando a identidade de uma textualização nativa, farta em inspiração e de conteúdo rico em relação a história de seu próprio povo.

Porém, a memória histórica de nossos pensadores nunca há de perecer e ainda assola as nossas mentes mais brilhantes da literatura, perpetuando ideologias sobre as questões mais complexas do seres humanos, de seus hábitos, comportamentos e por que não dizer, das suas construções fonéticas, oriundas da herança natural, pela qual se mantém vivas as nossas culturas e tradições.

*(...) A diatopia<sup>32</sup> ocorre sempre em um plano horizontal da língua, na concorrência das comunidades lingüísticas, sendo responsáveis pelos chamados regionalismos, provenientes de dialetos ou falares sociais (...) (PRETI, 2003, pág. 24)*

E assim, tem-se a escolha e a sedimentação de uma coletividade que forma, pela comunicação equalizada, uma comunidade, ora interagindo com outras existentes, que se valem de acordos para a sobrevivência da espécie, ora isoladas por hábitos também herdados de seus colonizadores, deixando prevalecer uma comunicação inalterada, sem o contato com outros povos, sem a mesclagem gramatical ou lingüística.

---

<sup>32</sup> Diatopia – É a forma como uma língua é realizada numa região específica. Cientificamente este conceito é conhecido por "variação diatópica", "variante geolinguística" ou "variante dialetal". Wikipédia, a enciclopédia livre.

Emergindo assim, à sociedade predominante como aberração de uma língua, sem valor, sem crédito, e capaz de se apresentar como um dos mais emergentes fatores do preconceito linguístico de um país.

Em face de tantas mutações lingüísticas e o visível separatismo social ocorrido em tempos de colonização no Brasil, surgem as perspectivas de uma estabilização e formalização de nossa língua materna, já amoldada foneticamente ao povo brasileiro, de formação brasileira, de características genuinamente brasileiras.

O primeiro personagem de nossa história a se aprofundar nos preceitos gramaticais da língua portuguesa, falada em solo brasileiro, e já demonstrando algumas de suas peculiaridades, foi o filólogo Fausto Carlos Barreto (1852-1908).

Não podemos dizer com isso que anterior a esse renomado educador já não existissem nobres inconfidentes revestidos da condição de argüir às dependências áulicas<sup>33</sup> que ainda regiam a educação e o aprendizado da sociedade brasileira.

Até então, nada era científico ou formal, pois mesmo com a vinda da Família Real para o Brasil, e com eles o estabelecimento do que hoje ainda existe como a mais nefasta solução para os problemas do país; os ditos Decretos e Leis, a língua ainda possuía uma grande e anômala conceituação, visto que se confundia com uma enorme variação expressionista sitiada costumeiramente em restrito espaço físico.

---

<sup>33</sup> Áulico – que pertence à corte ou lhe diz respeito. [www.priberam.pt/dlpo](http://www.priberam.pt/dlpo).

Margeado por um positivismo filosófico de características fundadas nos pensamentos de Miller<sup>34</sup>, Fausto conduz um estudo reformador e transformista da Língua Portuguesa que ainda continuava agregado aos valores tradicionais de Condillac<sup>35</sup>, dentre outros, em que a cultuação às línguas tidas como sapienciais como o Latim e o Grego ainda prevaleciam na pedagogia do ensino brasileiro, sendo ensinado desde a matriz exemplar de nossas instituições, o Colégio Pedro II, estabelecido na cidade do Rio de Janeiro em 1837, até as demais instituições de ensino que permaneciam sobre a direção de eclesiásticos jesuítas, maristas ou franciscanos, ou mesmo outras que possuíam um interventor da Corte.

Fausto que, à época, havia sido nomeado Diretor Geral da Instrução Pública, recebera a missão de colaborar na reforma do programa de português para os exames preparatórios que habilitavam à matrícula nos cursos superiores no Brasil.

Pode-se dizer que utilizou o *status* e a credibilidade que possuía em meio aos seus pares para, dentre outros estudos, discutir as diferenças, já proeminentes, entre o português falado e escrito em Portugal e o falado e escrito pelos brasileiros.

Outro intento de indiscutível significado para a elaboração de uma gramática normativa no Brasil foi a sua contribuição nos estudos de estruturação morfológica, sintática e estilística, além da revisão do agrupamento de palavras sinonímicas,

---

<sup>34</sup> Johann Friedrich Theodor Muller – Nasceu em Erfurt, em 31 de março de 1798, e foi um brilhante naturalista e professor de matemática e ciências naturais. Foi também o pioneiro no apoio factual à teoria da evolução apresentada por Charles Darwin. Faleceu em Blumenau, em 1897. Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>35</sup> Étienne Bonnot de Condillac – Nasceu em Grenoble, em 30 de Setembro de 1715, foi filósofo francês e grande literário, tendo composto em 1757, para o Infante Fernando de Parma, neto de Luis XV, um curso de estudos em treze volumes. Elegeu-se em 1768, membro da Academia Francesa e posteriormente membro da Academia de Berlim. Faleceu em Flux, em 03 de agosto de 1780. pt.wikipedia.org.

paranónímicas e homónímicas. Dentro do referido programa foram estabelecidos também conceitos retóricos e etimológicos.

A exemplo, podemos citar a existência de palavras que, sintaticamente eram descritas e verbalizadas de forma diferente do que hoje vislumbramos na gramática contemporânea. Porém, ainda hoje, fortemente preservadas pela natureza regional, tais como:

- Frecha, que é um objeto do tipo projétil que pode ser disparado por um arco e tem sido utilizado pelos exércitos do mundo inteiro desde a antiguidade. Faz-se referência à referida palavra em uma Ordem do século XVI, fundada em Portugal, em 1576, pelo lendário Dom Sebastião<sup>36</sup>, denominada “Ordem de São Sebastião dita da Frecha”;

- Após o início das correções gramaticais, quando se deu o processo de separação da Língua Portuguesa falada em Portugal, da que é falada no Brasil, os brasileiros continuaram a pronunciar algumas palavras que possuíam o encontro consonantal de uma consoante com a letra “r”, principalmente em locais mais afastados dos pólos já urbanizados do país. Nas regiões urbanizadas, em que as informações estavam mais acessíveis à sociedade, a letra “l” passou naturalmente a substituir a letra “r” em algumas palavras por força da pronúncia coloquial, fruto de um processo fonético, variante tipicamente adaptável à força coletiva das expressões vocálicas, que exerciam significativa influência nas palavras de origem latina.

---

<sup>36</sup> Dom Sebastião – Nascido em Lisboa, em 20 de janeiro de 1554 e desaparecido em Alcácer-Quibir, em batalha, no ano de 1578, foi o décimo-sexto Rei de Portugal e o sétimo da Dinastia de Avis. Wikipédia, a enciclopédia livre.



Tal processo normatizou a referida palavra, porém, não obstante a sua oficialização, não conseguiu gerir esforços para que a idéia inovadora se alastrasse por todo o país, alcançando assim os grupos regionais afastados, que permaneceram no entendimento desta e de outras palavras sendo ainda utilizadas com a letra “r”, desencadeando um estudo linguístico direcionado a rotacização<sup>37</sup>.

A razão do hipotético fracasso? Uma descontrolada ingerência econômica que afastava a possibilidade de socialização no país. Fato este, mencionado por nossos escritores em seus textos literários, desde o estilo barroco até a contemporaneidade.

Sob o negro véu da repressão, suburbiavam-se os mais estratégicos letrados a fim de divulgar, em meio às histórias inspiradas pelo cotidiano do povo brasileiro, as suas desigualdades, a pobreza que assolava vilarejos e encostas de morros, doenças e mortes, que conformados enterros ajudavam a todos a esquecer; e, por conseguinte, as línguas, já em total diversidade, como se estranhas fossem umas às outras.

*(...) Em geral podemos dizer que o dialeto social culto, em razão das características apontadas, se prende mais às regras da gramática radicalmente considerada, normativa, veiculada pela escola, aos exemplos da linguagem escrita, literária, muito mais conservadora, ao passo que o dialeto social popular é mais aberto às transformações da linguagem oral do povo (...) (PRETI, 2003, pág. 23).*

---

<sup>37</sup> Rotacização – Palavra derivada de rotacismo, atualmente conhecido por “Dislalia” ou “Distúrbio Articulatório”.  
[www.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/fonologia/rotacismo](http://www.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/fonologia/rotacismo).  
[www.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/fonologia/rotacismo-pobremarenegerar.htm](http://www.tvcultura.com.br/aloescola/linguaportuguesa/fonologia/rotacismo-pobremarenegerar.htm)

O fenômeno separatista deu-se, daí em diante em larga escala originando a diastratia<sup>38</sup> por todo o país, delimitando espaços sociais e conceituando o preconceito linguístico.

Formais ao extremo, simpatizantes gramáticos espalhados por todo o Brasil, deram início a uma desenfreada polarização de métodos de exclusão aos indivíduos menos favorecidos eruditamente e que não se familiarizavam com os novos conceitos preestabelecidos pela gramática normativa.

Podemos dizer que o fenômeno diastrático ocorre entre a relação de comunicação de povos situados em locais já urbanizados, em que o processo de alfabetização, bem como a oportunidade de estar à mercê do conhecimento, tomam formas mais acentuadas, e aqueles povos que habitam regiões isoladas, onde a escassez econômica confunde-se à escassez educacional; locais que ainda preservam fortemente culturas e tradições antigas, oriundas de seus colonizadores.

Citamos aqui alguns exemplos das diferenças diastráticas:

- Na Norma Culta, tanto escrita como falada, a palavra “Couve” aparece com duas sílabas, sendo a primeira delas constituída por uma consoante e duas vogais, ditas como “hiato crescente”;

---

<sup>38</sup> Diastratia –A Linguística Estruturalista Europeia recorreu ao prefixo “**dia**”, que significa “ao longo de”, “através de” e produziu diferentes termos para designar tipos de variações, tal como: diastratia que significa variação linguística em função dos estratos sociais. [www. http://ciberduvidas.com.br](http://ciberduvidas.com.br)

- A mesma palavra é popularmente pronunciada como “Covi”, mantendo duas sílabas, ainda que a primeira perca verbalmente uma das vogais, caracterizando a redução do ditongo, produzindo um fenômeno linguístico ao qual chamamos de Monotongação<sup>39</sup>, muito comum na Língua Portuguesa falada no Brasil, além de um outro fenômeno fraseal que tende a substituir a vogal “e”, existente na segunda sílaba pela vogal “i”.

Apesar de comumente identificarmos tais fenômenos substitutivos ou excluístas, apenas na esfera científica, é natural presenciá-lo em toda a sociedade brasileira na fala informal e comum. Trata-se de um processo fisiológico que varre do cérebro toda a formalidade normativa quando estamos descontraídos.

Um outro exemplo, já absorvido com mais percepção cerebral está centrado no fenômeno linguístico denominado yeísmo<sup>40</sup>, comum em comunidades rurais de origem colonizadora francesa ou espanhola em que trocamos as consoantes “lh” pela vogal “i”. Exemplo: Trabalho / Trabaio, Olho / Oio, Chocalho / Chocaiio, Palha / Paia.

É certo de que o povo brasileiro pouco sabe sobre a realidade de sua história, de sua colonização, porém, não é diferente o conhecimento que possuem sobre a língua, que sofre variações internas (gramaticais) ou externas (com a migração de palavras estrangeiras), de tempo em tempo, sem qualquer espécie de explicação ao povo.

---

<sup>39</sup> Monotongação - resultado de uma tendência fonética histórica de apagamento da semivogal nos ditongos crescentes ou decrescentes. Isto ocorre pois na estrutura da sílaba, existe necessariamente uma vogal, a que se juntam, ou não, semivogais e / ou consoantes. Os falantes costumam acrescentar uma vogal, como em advogado e fazem o uso da pronúncia adivogado ou adevogado e no caso das semivogais ocorre o apagamento, dinheiro é pronunciado “dinhêro”, roupa “ropa”. Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>40</sup> Yeísmo – Fenômeno linguístico da língua espanhola pelo qual o *ll* (equivalente ao *lh* do português) é pronunciado como o *y* (ipsilon ou *i* grego). Por exemplo, dizer *cabayo* em vez de *caballo*. Este fenômeno, de origem andaluza, está atualmente presente em várias variantes do idioma espanhol, nomeadamente na América Hispânica. No entanto, não aparece no dialeto tradicionalmente considerado a referência linguística principal, o dialeto castelhano. [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

*(...) Para Gadet<sup>41</sup>, o que se procura na fala de um indivíduo são os índices de sua classificação social. Se um traço difere de um indivíduo para outro, a sociolinguística procurará responder a três perguntas: Esta diferença é ocasional ou reaparece sistematicamente? É generalizada numa certa situação ou no interior de um grupo social? Pode-se dar-lhe uma significação social? (...) (PRETI, 2003, pág. 17).*

Podemos vislumbrar tal fato no cotidiano, em que a sociedade é marcada por uma série de mutações inexplicáveis, que promovem a metamorfose em nossas gerações, de forma assustadora, em velocidade que poderíamos comparar à da genética, que provoca enfermidades hereditárias.

Não é à toa, que todas as transformações em uma sociedade giram em torno de um único fator. Nos referimos aqui ao poder econômico, que transforma e reforma, promovendo uma inconsciente exclusão social. Alguns aludem a esse fenômeno como sendo um processo natural de capitalização de recursos do meio, mas convenhamos, o sistema capitalista pouco era conhecido no Brasil até o final do século XIX.

A força do poder brotava mesmo de uma cultura insana que mistificava a soberania e declinava os menos afortunados do saber. Daí a grande inspiração que emerge como fonte de regaste de nossa clássica e singular cultura, de nossos hábitos e diferentes linguajares espalhados por todo o Brasil.

Costumes apenas apenas em artigos ou textos revolucionários que passaram a identificar verdadeiramente a Nação Brasileira, fazendo emergir a realidade de nossa

---

<sup>41</sup> Françoise Gadet – Linguísta e Professor Universitário em Paris, França, e autor do livro “*Saussure: Une Science de la Langue*” (1987).

educação, e mais do que isso, exercendo o seu papel de cidadania frente a uma pedagogia de raízes ainda estrangeiras.

### **5.3. A literatura e o resgate das expressões coloquiais**

*(...) Da minha vida eu me orgúio, levo a Jurema no embrúio, gosto de ver o barúio, de barbatão a corrê, pedra nos casco rolando, gaios de pau estralando, e o vaquêro atrás gritando, sem o perigo temê...Criei-me neste serviço, gosto deste reboliço, boi pra mim não tem feitiço, mandinga nem catimbó, meu cavalo Capuêro, corredô, forte e ligêro, nunca respeita barsêro, de unha de gato ou cipó. (...) (Poema, Trechos de "O Vaqueiro", PATATIVA DO ASSARÉ).*

O poeta cearense Antonio Gonçalves da Silva (1909-2002), conhecido popularmente pelo pseudônimo de *Patativa do Assaré*, pode ser considerado um dos mais significativos representantes de nossa literatura contemporânea em relação à preservação da cultura brasileira e seu típico linguajar sertanejo.

Mas, em que seara analítica literária estaria o saudoso poeta *Patativa do Assaré* no frenesi didático de nossos bancos escolares?

Talvez o preconceito, herança centenária de nossos colonizadores cunhe aqui a sua maior presença ao desprezar tão farta literatura regional explicitada com a naturalidade que foi peculiar no poeta, e parceira de seu cotidiano, e de seu expressionismo coloquial.

E o desprezo, fruto casto do preconceito passa a ser manipulador do regozijo frente ao fracasso dos menos afortunados intelectualmente, que perpetuam marcas convincentes de um exclusivismo dialético, capaz de destruir qualquer possibilidade de vínculo cultural que interaja povos menos favorecidos à nossa sociedade, já edificada pela síndrome do poder econômico.

E o que dizer de nosso passado, não tão longínquo; de séculos atrás, em que renomados escritores transavam o mito da língua nativa, sobrepujando austeros conceitos gramaticais que prematuramente edificavam a sua soberania, sitiando a língua portuguesa, aquela, falada em território brasileiro, após a sua independência e já à espera da contumaz república?

Esses mestres da resignação lançaram mão de um carisma inexplicável pela Terra Mãe suplicando em seus textos a presença do que era mais simples e singelo no cotidiano do Homem Brasileiro; o falar coloquial, mesclado e adaptado, em face à tanta miscigenação, produto de conseqüentes migrações do além mar.

Com os seus saberes, com o culto à Nação, na rota infundada de uma formalização de nossa língua; infundada sim, na precariedade de pesquisas, sem conceituações ou respeito a qualquer espécie de variações existentes e fortemente cultivadas, à época, eram eles os defensores de uma ideologia social. Tão ética e provida de tanta moral, tal qual previu o filósofo literário Robert Owen<sup>42</sup> (1771-1858),

---

<sup>42</sup> Robert Owen - Industrial e reformador galês. Um dos idealizadores do socialismo utópico no século XIX com a proposta de cooperativas. Nasceu em Newtown, no País de Gales. Começa a trabalhar como ajudante numa indústria têxtil que emprega 500 operários. Passa a gerente em 1791 e, em 1799, compra uma fiação com dois sócios em Lanarkshire, na Escócia. Convencido de que a mão-de-obra pode ser mais bem aproveitada em uma sociedade cooperativa, propõe, em 1819, a criação de associações nas cidades com até mil pessoas, para ocupar os desempregados. Cria duas cooperativas desse tipo, uma no Reino Unido, em 1839, e outra nos Estados Unidos (EUA), em 1825. As tentativas - em New Harmony, Indiana (1825-1827), e em Queenwood, Hampshire,

considerado o Pai do movimento cooperativo, quando precursor das primeiras idéias sobre sociedade.

Como sempre, e outrora mencionado, um Brasil sem prévia, em que projetos e leis parecem alimentar nossos governantes desde a vinda da Família Real ao Brasil. Antes?

Eram estes, ultramarinos, com a mesma ineficiência que ainda vislumbramos contemporaneamente. Porém, a nossa história lingüística começa muito antes de entendermos as diferenças literárias que estruturaram a literatura brasileira e ajudaram a organizar, e a respeitar a gramática, sem desmerecer a coloquialidade verbal de nossos inúmeros povos interioranos, sertanistas e ribeirinhos.

E norteamos o referido estudo citando um trecho do capítulo V, do Tratado da Terra do Brasil, *Duma Nação de Gentio que se acha nesta Capitania*, 1576, do historiador e cronista português Pero de Magalhães Gândavo (?-1579):

*“...Pelas terras desta Capitania até junto do Spirito Santo, se acha huma certa nação de gentio que veio do sertão há cinco ou seis annos, e dizem que outros índios contrários destes, vierão sobre elles a suas terras, e os destruirão todos e os que fugirão são estes que andão pela Costa. Chamão-se Aymorés, a lingoa delles he diferente dos outros índios, ninguém os entende, são elles tam altos e tam largos de corpo que quasi parecem gigantes; são mui alvos, não têm parecer dos outros índios na terra nem têm casas nem povoações onde morem, vivem entre os matos como brutos animaes; são mui forçosos em estremo, trazem huns arcos mui compridos e grossos conforme a suas*

---

na Inglaterra (1839-1845) - fracassam em poucos anos, devido a brigas entre os participantes. Owen passa o resto da vida divulgando suas idéias sobre educação, religião e família. Entre os livros que escreve estão *Nova Visão da Sociedade* (1813-1914) e *Relato do Condado de Lanark* (1821), sobre a experiência da cooperativa de empregados. Morre em sua cidade natal. [www.algosobre.com.br](http://www.algosobre.com.br).

*forças e as frechas da mesma maneira. Estes índios têm feito muito dano aos moradores depois que vierão a esta Costa e mortos alguns portuguezes e escravos, porque são inimigos de toda gente...”*

Notemos, no texto acima referenciado, a afortunada quantidade de palavras que aqui, em solo pátrio sofreram metamorfoses produzidas pela naturalidade expressionista daqueles que já se fixavam em solo brasileiro como Nação.

Dentre elas, aludimos a palavra *Frecha*, mencionada no item anterior deste capítulo, e hoje escrita como *Flecha*. Um caso típico de Lambdacismo<sup>43</sup> ou somente uma mutação gramatical? Ou mesmo a palavra *Língua* que atualmente é escrita com a substituição da vogal *o* pela vogal *u*, sendo hoje escrita *Língua*.

Então, não há que falar em literatura pós-independência sem antes nos reportarmos ao passado e entendermos a estreita ligação da língua portuguesa brasileira, com a falada em nossa primeira pátria, Portugal.

Portanto, passaremos a nortear o estudo diacrônico sobre as questões de utilização da língua coloquial com textos literários que já se fixavam na sociedade em pleno Romantismo, momento histórico para o Brasil, com a popularização de nossa literatura através da impressão textual e também, da rodagem do primeiro jornal exclusivamente produzido em solo brasileiro; a Gazeta do Rio de Janeiro.

Para SPINOZA (1632-1677):

---

<sup>43</sup> Lambdacismo - É a variação semântica de um vocábulo que consiste na troca do "r" pelo "l". [www.ricardoericardo.com.br](http://www.ricardoericardo.com.br)



*“...As palavras são parte da imaginação, isto é, tal como fingimos muitos conceitos na medida em que, vagamente, por alguma disposição do corpo, são compostos na memória, não se deve duvidar de que também as palavras, como a imaginação, podem ser a causa de muitos e grandes erros, se com elas não tivermos muita precaução...”*

Talvez esse idealismo em cultivar ou mesmo em cultuar o regionalismo brasileiro é que tenha impulsionado os nossos ícones da literatura a fomentar a idéia de preservação da tipicidade lingüística de um povo.

Na obra literária *O Garatuja*, do *Romancista*<sup>44</sup> José Martiniano de Alencar (1829-1877), primeira de uma série de crônicas dos tempos coloniais, época em que o pensamento do homem brasileiro, ainda imaturo frente a ideologia do mundo, prazerosamente descumpria-se da formalidade emergente e vagueava na ocasionalidade popular.

José de Alencar, que gozava de esmerado conceito social e político, frutificava em seus textos a estética lingüística que mais tarde administraria esboços dos primeiros estudos regionais sobre o tema.

No trecho que segue abaixo, de um diálogo da mãe de Rosalina com a sua comadre podemos notar a estreita semelhança de uma língua ainda em face do desprendimento colonial lusitano, que preservavam inúmeras de suas palavras na escrita Arcaica<sup>45</sup>.

---

<sup>44</sup> Romantismo - foi um movimento artístico e filosófico surgido nas últimas décadas do século XVIII na Europa, que perdurou por grande parte do século XIX. Caracterizou-se como uma visão de mundo contrária ao racionalismo que marcou o período neoclássico e buscou um nacionalismo que viria a consolidar os estados nacionais na Europa. No Brasil foram classificados como indianistas, urbanos ou regionalistas. O termo *romântico* refere-se, assim, ao movimento estético ou, num sentido mais lato, à tendência idealista ou poética de alguém que carece de sentido objetivo. Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>45</sup> Arcaísmo - Há, na língua portuguesa, várias expressões e construções sintáticas que, embora comuns no passado, deixaram de participar da norma atual. Elas se constituem em arcaísmos lingüísticos. [www.portrasdasletras.com.br](http://www.portrasdasletras.com.br).

O Garatuja, Pág. 23:

*\_Abrenuntio! Abrenuntio!...Cruzes! Te esconjuro!*

*\_O que é, Comadre? Perguntou-lhe a vizinha.*

*\_O porco sujo que me está fossando na porta, senhora.*

*T'arrenego!*

A palavra *Arrenego* lida na última frase do diálogo, atualmente é escrita sem a vogal *a*, desinência hoje desnecessária tanto na Norma Culta quanto no português coloquial.

Ou mesmo, no diálogo entre Rosalina e Dona Romana, Pág. 47:

*\_É ou não é?*

*\_Se doutro modo não se vai e me deixa descansada, digo-lhe, senhora abelhuda, que sou e torno ser. Agora musque-se!*

A palavra *doutro*, que outrora era escrita dessa forma, atualmente é escrita de forma separada, em que presenciamos a utilização da preposição<sup>46</sup> *de* antes da palavra *outro*.

Pelo viés sociológico podemos entender a utilização de termos verbalizados no cotidiano compreendendo as variações provenientes do nível de estudo, classe social

---

<sup>46</sup> Preposição – Palavra invariável que liga dois elementos da oração, subordinando-os. Isso significa que a preposição é o termo que liga substantivo a substantivo, verbo a substantivo, substantivo a verbo, adjetivo a substantivo, advérbio a substantivo etc. [www.gramaticaonline.com.br](http://www.gramaticaonline.com.br).

ou mesmo, pela localização dentro da mesma região, no que pode vir a determinar traços originais na linguagem individual.

Outro exemplo a ser citado se encontra descrito na obra literária *O Cortiço*, do escritor *Realista*<sup>47</sup> Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo (1857-1913), Pág. 17:

*“...A criadagem da família, do Miranda compunha-se de Isaura, mulata ainda moça, moleirona e tola...uma negrinha virgem chamada Leonor, muito ligeira e viva, lisa e seca como um loque, conhecendo de orelha, sem lhe faltar um termo, a vasta tecnologia da obscenidade, e dizendo, sempre que os caixeiros ou os fregueses da taverna, só para mexer com ela, lhe davam atacações: Óia, que eu me queixo ao juiz de orfe...”*

Mais uma vez, nos deparamos com um caso clássico de um fenômeno linguístico mencionado no item anterior deste capítulo, denominado *Yeísmo*, uma tipicidade verbal comum entre afros-descendentes visto que, aqui chegaram e se familiarizaram com a coloquialidade lingüística, porém, a perceberam fisiologicamente com as características próprias de seu povo.

Pelo conceito Geográfico<sup>48</sup>, a questão lingüística ora mencionada envolve variações regionais, portanto, é necessário criterizá-las no que tangem as suas variações lingüísticas para respeitar a influência sociológica em uma mesma comunidade, bem como a sua variação; e é preciso separá-las com cuidado, para que as diferenças lingüísticas por elas determinadas não sejam confundidas com aquelas ocorridas pela mencionada influência sociológica, numa mesma comunidade.

---

<sup>47</sup> Realismo - movimento artístico surgido na França, e cuja influência se estendeu a numerosos países europeus. Esta corrente aparece no momento em que ocorrem as primeiras lutas sociais, sendo também objecto de ação contra o capitalismo progressivamente mais dominador. No Brasil, teve início oficialmente, em 1881, com a publicação do clássico literário *Mepórias Póstumas de Brás Cubas*, de Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) e finda com o surgimento do Parnasianismo, por volta de 1890. Wikipédia, a enciclopédia livre.

<sup>48</sup> Geográfico - relativo à Geografia. [www.priberam.pt](http://www.priberam.pt).

Outro exemplo semelhante pode ser vislumbrado na obra literária do *Realista* João Henrique de Lima Barreto (1881-1922), *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, Pág. 58, no diálogo entre Quaresma e Felizardo:

*\_Por quê?*

*\_Negócio e partido. Pelo que ouvi: Seu Tenente Antonio é pelo Governado e Seu Dotô Campo é pelo Senado...Um sarcerero, patrão!*

Podemos notar que, além dos fenômenos de *rotacização* e da *redução dos ditongos* existentes na palavra *sarcerero*, ainda encontramos outros fenômenos de variação lingüística na palavra *dotô*, sendo eles a *monotongação* e a *redução dos átonos pré-tônicos*.

Contextualizar tais exemplos pode ajudar a determinar as diferenças na linguagem em relação à comunicação, em que emissor e receptor aceitam as metamorfoses lingüísticas e a respeitam entendendo sociologicamente a geofrasia que ali persiste.

Não obstante o fato de vivermos em conflitos com a aceitação lingüística de características regionais em que encontramos correntes de gramáticos e lingüísticos em pleno calor de discussões sobre o tema, ainda notamos que a abordagem sobre o preconceito segue apenas uma via única que assola, na contra-mão, os menos afortunados pela educação.

Para cercar o tema, podemos fazer uma última citação, desta vez contemporânea, em que uma obra literária ficcionista escrita pelo jornalista Erich Von Däniken (1935-), da década de 1960, trasladada para o nosso idioma em 1968, pelo tradutor *Else Graf Kalmus em que é notória a mutação gramatical ao longo dos anos na tentativa de uma adaptação ao sistema contemporâneo de comunicação, seja ela escrita ou falada:*

Capítulo XII, Pág 175:

*“...Em alguma parte do Universo, inteligências alienígenas tentam entrar em contacto conosco? É a nossa época, com suas descobertas que violentamente adentram o futuro, realmente tão terrível? Dever-se-ia guardar em segredo os resultados mais audaciosos da pesquisa...”*

Notemos a palavra *contacto* que atualmente é escrita sem a consoante *c*, do encontro consonantal *ct*, e o arcaísmo da palavra *dever-se-ia*.

Mas, para o letrado, que segue a maestria literária e pode se tornar um tradutor ou escritor, de cunho poético ou prosaico, ou mesmo um crítico textual, o termo comumente utilizado *O Poeta tem Licença para Errar*, transforma a formalidade em seu próprio livre arbítrio, visto que seu nome é peça das mais importantes no seio de nossa educação.

Identificar tal metamorfose como uma *objectividade* gramatical em face da celeridade da evolução humana? Podemos fazer parte desse movimento?

Mas ao nos referirmos às questões mais estéticas, que freqüentam patamares fora do alcance social, as mudanças são regras fundamentadas ou simples mecanismos de fragmentação social.

Dependerá da forma mais comum de separatismo classista, e nos referimos à educação, manter sempre distante a interação social da língua?

## 6 – SOCIOLINGUISTICA E SOCIEDADE ESCOLAR

### 6.1. Uma concepção linguística; do arcaico ao contemporâneo

*“...Pela primeira vez, em cinco séculos de existência, começa o brasileiro a querer abrir os olhos para estudar sua educação, a fim de conseguir vê-la melhor, corrigir-lhe as deficiências e aproveitar-lhe as riquezas..” (TOBIAS, 1973, pág. 466).*

Um país que praticamente tem suas raízes políticas alicerçadas em Leis e Decretos, elaborados e impostos à sociedade de forma incoerente, disforme, e com uma característica tão singular, que faz do Brasil um eterno país emergente.

Referimo-nos aqui à comunicação, processo informativo que em pleno século XXI consegue deixar para trás as nossas populações isoladas, que tomam conhecimento das respectivas mudanças no ensino, e porque não dizer, em toda uma esfera social e econômica, muito tempo após estas formalmente serem oficializadas.

O tempo, embora senhor do destino, e remédio dos males, parece ter se esquecido de passar em um país de mais de oito milhões de quilômetros quadrados, e que segundo dados oficiais obtidos em 2008, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>49</sup>, é possuidor de uma população que ultrapassa os cento e oitenta e seis milhões de habitantes.

---

<sup>49</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - uma fundação pública da administração federal brasileira em 1934 e instalada em 1936 com o nome de *Instituto Nacional de Estatística*; seu fundador e grande incentivador foi o estatístico Mário Augusto Teixeira de Freitas. O nome atual data de 1938. A sede do IBGE está localizada na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro. O IBGE tem atribuições ligadas às geociências e estatísticas sociais, demográficas e econômicas, o que inclui realizar censos e organizar as informações obtidas nesses censos, para suprir órgãos das esferas governamentais federal, estadual e municipal, e para outras instituições e o público em geral. [pt.wikipedia.org](http://pt.wikipedia.org).

Detentor de uma bela história que oficializou os seus quinhentos e oito anos em 22 de abril de 2008, o seu povo ainda procura as suas verdadeiras origens. Um povo marcado pela incerteza de sua existência.

Uma nação que ainda não conseguiu entender a dimensão de sua postura mundial, a nobreza de sua mágica e singular miscigenação, o poder de nunca ter conseguido se fragmentar, e mesmo assim, ainda deter tão vasta e intrínseca rede de cultura e tradição, que para ser completa, só basta se deixar interagir, se deixar socializar, com respeito, com resignação no aprendizado, com entendimento e amor pelas Terras de Santa Cruz.

Com uma expectativa de vida que varia entre os 71 anos (IBGE,2004), o brasileiro nasce e morre em seu solo, sem conhecer as suas riquezas, pois não viaja, senão à trabalho, ou pequenas excursões, ou mesmo, pela necessidade migratória, originária da escassez de recurso em sua terra natal; e quando o faz, é incapaz de recorrer aos recursos nacionais, ali existentes. Tudo lhe é estranhos, e vezes, lhe parece engraçado também. É como a língua dos outros.

Veste e come o produto estrangeiro como um animal, dependente de adestramento e ração. Discursa sobre filmes e músicas, cujos enredos e letras, mal consegue interpretar, e se esquece de nossa farta literatura, e rica, porém, desprovida de recursos, cultura cinematográfica, pois não entende que estão essência e história, as nossas marcas, na língua que se modifica, na fala, foneticamente alterada; sobretudo, na característica humana que a preserva.



Seria natural o desperdício se fossemos assíduos consumidores de nossa própria cultura, mas nem mesmo sabemos dos seus percursos de outrora. São caboclos, cafuzos, afrosdescendentes, imigrantes e descendentes destes, são matutos e homens já rurbanizados, além dos urbanos, é claro. Todos ocupando a mesma terra, comendo o que o mesmo solo produz, porém, às vezes, mal se entendendo, tamanha a variação linguística que temos em nossos milhões de metros quadrados espalhados pelo Brasil.

*“...As evidências da realidade e nossa intuição usualmente nos conduzem a supor que é acentuada a exclusão social tanto maior a distância dos indivíduos em relação à cultura letrada em sociedades com alta complexidade...” (MOLLICA, 2007, Pág. 12)*

Portanto, é fácil entender que, em locais mais restritos e afastados dos grandes centros ainda prevaleça a tradição educacional, que traz em seu bojo a rudimentação de uma pedagogia fomentada em princípios patriarcais.

Para tanto, o educador, que pouco se atualiza, reveste-se de um manto erudito, de pouca valia, para enfatizar a importante relevância de um passado que deveria ser anulado, pela força do tempo, daquele, parado em um canto, dependente de uma fraca e incrédula comunicação.

Ora senhoras e senhores, estamos diante de um dilema. De um lado, um Brasil que tenta ser inovador, procurando novas formas de aplicar os recursos pedagógicos que a globalização oferece; do outro, uma pedagogia perdida no tempo, enclausurada em preceitos que misturaram antigos conceitos, processando-os de maneira anômalas, insistindo em um arcaísmo pedagógico que cerceia e regionaliza, desde o seio familiar

à escola, tendo como cúmplices, professores mal preparados e pais estacionaram as suas mentes no passado.

Segundo LOURO (1997, pág.65):

*“...Dentre os múltiplos espaços e as muitas instâncias onde se pode observar a instituição das distinções e das desigualdades, a linguagem é, seguramente, o campo mais eficaz e persistente, tanto porque ela atravessa e constitui a maioria de nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito natural. Seguindo regras definidas por gramáticas e dicionários (...) supomos que ela é, apenas, um eficiente veículo de comunicação. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças.”*

Então, nós brasileiros sabemos da existência de farta linguagem, falada por todo o território, e interpretada de acordo com a variação que a língua construiu, visgo que une presente ao passado, nos momentos em que povos interagem, da palavra e da troca, à carne e o amor.

Vingaram frutos, que traduziram sensíveis características linguísticas, produzindo mudanças fonoaudiológicas, que despercebidamente se cultivavam e florescia em meio a uma sociedade.

O que era místico e maravilhoso passou a ser interpretado de forma anormal. Quando mais longínquo e desprovido o povo, maior seria então a sua aceitação. Quando tais efeitos eram produzidos no seio familiar, tudo era perfeitamente comum, assim como o era também no seio da comunidade, mas com tantos êxodo, muitos foram obrigados a desbravar terras e assentar o seu destino em outras instâncias.

E aqueles imigrantes, de tenra idade, que ainda se encontravam em fase escolar, eram os mais atingidos pelo espanto de uma outra comunidade, que já havia produzido um linguajar diferente.

Um diálogo mais do que natural nas salas de aula de todo o Brasil, em nossa fase atual do ensino, que simplesmente se perpetuou. E hoje, tal problema tenta ser solucionado, porque finalmente existe no Poder Público, a resignação de uma solidez educacional.

Porém, se pensam os leitores que em pleno século XXI o preconceito linguístico foi eliminado de nossos bancos escolares, enganam-se todos. Estamos ainda diante de um dilema; o de politizar a educação sem que esta se torne um veículo político.

E pensar o pobre personagem das histórias em quadrinhos do desenhista Maurício de Souza<sup>50</sup> (1935-), o matutinho Carlos Antonio Felício Teodoro<sup>51</sup>, já foi alvo de complexas discussões pelos senhores da educação no final do século passado, correndo este o risco de sumir das prateleiras de nossas Bancas de Jornal.

---

<sup>50</sup> Maurício de Souza - Filho de Antônio Maurício de Sousa (poeta e barbeiro) e de Petronilha Araújo de Sousa (poetisa), começou a desenhar cartazes e ilustrações para rádios e jornais de Mogi das Cruzes, onde viveu. Procurou emprego em São Paulo, como desenhista, mas só conseguiu uma vaga de repórter policial na *Folha da Manhã*. Passou cinco anos escrevendo esse tipo de reportagem, que ilustrava com desenhos bem aceitos pelos leitores e começou a desenhar histórias em quadrinhos em 1959, quando uma história do Bidu, sua primeira personagem foi aprovada pelo jornal. pt.wikipedia.org.

<sup>51</sup> Carlos Antonio Felício Teodoro – Criado por Maurício de Souza, através de uma linguagem interativa e feita para todas as idades, os gibis de Carlos Antonio Felício Teodoro, conhecido popularmente por “Chico Bento” retratam a história do inocente menino do campo, que fala errado (de acordo com a Gramática Normativa), tem amigos na roça em que vive, para uma melhor caracterização do personagem espaço/campo, e um primo para caracterizar as diferenças entre campo/cidade. Morador de Vila Abobrinha, é um personagem fictício, construído a partir da biografia de Maurício de Sousa, que o espelhou em um tio-avô. www.amigosdolivro.com.br.

Hoje, o paradigma do seu jeito único de ser dentre os diversos personagens de nossas histórias infantis, virou importante objeto de estudo e mote nas concepções científicas de aproximação social entre os nossos mais jovens estudantes.

Tamanho é a sua importância para a educação brasileira, bem como para o entendimento linguístico e a sua socialização que fizemos dele o próprio objeto de estudo para a conclusão científica desse trabalho.

Foi criada então uma pesquisa linguística que, aplicada em estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II e do 1º ano do Ensino Médio de suas escolas interioranas, pode proporcionar tamanha riqueza de fundamentos ao trabalho em epígrafe.

Foi dela, retiradas as principais conclusões sobre o entendimento contemporâneo da diversidade linguística existente no país, bem dela retirou-se também algumas idéias sobre a evolução de nossa educação em sala de aula através da sociointeração com o auxílio dos estudos sociolingüísticos.

*“...Quando observamos um diálogo entre mãe e filho, por exemplo, verificamos características linguísticas que marcam ambos os papéis. As diferenças mais marcantes são as intergeracionais (geração mais velha/geração mais nova) e as de gênero (homem/mulher). Você, caro colega professor, conhece bem essas diferenças sociolingüísticas que ocorrem na interação no seio de sua própria família...” (BORTONIRICARDO, 2004, Pág. 23)*

E então, vamos levar de uma vez por todas o levante do conhecimento sociolinguístico para as salas de aulas de todo o país? Deixando do lado de fora, o preconceito, para dar lugar a sociointeração?

## **6.2. Família, aluno e educador; os caminhos do preconceito linguístico**

*“...Os padrões linguísticos estão sujeitos à avaliação social positiva ou negativa e, nessa medida, podem determinar o tipo de inserção do falante na escala social. Outros indicadores são igualmente responsáveis pela colocação ou exclusão social dos indivíduos...” (MOLLICA, 2004, Pág. 30)*

Para entendermos a situação atual de nosso ensino em relação ao preconceito linguístico não poderíamos deixar de efetuar uma pesquisa de campo que proporcionasse um real contato com a contemporaneidade escolar.

Para tanto, foi elaborado um questionário de perguntas e respostas simples e objetivas, a fim de que este fosse o mote de todo o nosso trabalho de campo rumo ao esclarecimento de dúvidas sobre o que existe hoje de real em relação ao tema.

Não se pode deixar de relatar aqui a emoção do encontro com pré-adolescentes e adolescentes em plena atividade escolar, fato que proporcionou momentaneamente um regresso, um tanto nostálgico, ao passado, quando existia uma educação de características totalmente diferentes das atuais, porém, que se fazia servir aos propósitos da época.

Um exemplo disso está na personalidade dos adultos de hoje, forjados em uma disciplina que se estendia do lar à escola.

O questionário foi elaborado com a finalidade de elucidar dúvidas sobre o entendimento dos alunos quanto às variações linguísticas tão presentes em sala de aula, e por que não dizer, marcantes no cotidiano dos mesmos, que vislumbram de maneira natural a diversidade linguística no próprio seio familiar, entre amigos, e nas comunidades em que vivem.

E foi com a introdução abaixo que conseguimos convencer administração, professores e alunos de duas instituições educacionais, ambas localizadas no município de Holambra, interior do Estado de São Paulo a realizar a referida pesquisa de campo:

*(...) Diferentes formas de expressões, em um país que se une, que se integra, com características comportamentais tão diferentes umas das outras, porém, com uma capacidade de adaptação social jamais presenciada por qualquer outra Nação! Isto é “Brasil”! Habitado por inúmeras etnias, perfazendo um só povo, que conhece a importância e o valor de sua história, da herança de traços tão complexos, de uma enorme variedade de dialetos e línguas. As variações linguísticas, existentes em nossa Língua Materna, não podem ser consideradas anormais ou misteriosas; são simplesmente, um fenômeno de nossa diversidade cultural(...)(QUESTIONÁRIO, 2008, Pág 01)*

São as seguintes instituições<sup>52</sup>:

---

<sup>52</sup> Instituições – Os nomes das referidas instituições educacionais são citadas nesse trabalho com a prévia autorização de seus responsáveis.

- Colégio PARTICIPAÇÃO, localizado na Rua Leandro Gonçalves, 231 – Centro – Holambra – SP. Responsável pela instituição educacional Professora Marta R. A. Weijenborg, onde foi aplicado o questionário para alunos do 6º ao do Ensino Fundamental II.

- Colégio VAN GOH, localizado na Rua Maurício de Nassau, 427 – Centro – Holambra – SP. Responsável pela instituição educacional Professor Geraldo Guilherme José Eysink, onde foi aplicado o questionário para alunos do 1º ano do Ensino Médio.

Não iremos abordar em sua totalidade as perguntas do questionário em anexo, porém, detalharemos os tópicos mais interessantes acontecidos no decorrer da pesquisa, inclusive, no que se refere à própria aceitação dos alunos e professores.

Em primeiro lugar, pode-se perceber que, de um total de 70 alunos, entre pré-adolescentes do Ensino Fundamental II, discentes do 6º ano, e adolescentes do 1º ano do Ensino Médio, 85% deles ainda sofre com o choque cultural de que a Língua Portuguesa é um idioma difícil de se aprender, sem se aperceberem que todos eles nascem com esta, sendo o berço natural de sua educação.

O fato mencionado refere-se à questão nº 01: *Você acha difícil aprender a Língua Portuguesa?*

Como exemplo, da referida questão, fazemos aqui uma análise sobre algumas respostas dadas pelos alunos, que terão os seus nomes preservados em virtude da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do

Adolescente, que versa em seu Capítulo II, artigo nº 17, sobre: *O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias e crenças, dos espaços e objetos pessoais.*

As respostas, embora elaboradas por alunos do 6º ano e do 3º ano, não parecem diferirem seus contextos expositivos, objetivando tratar-se então de uma cultura de pensamentos exercida sobre a língua. Notem:

- \_ Pois tem muitas regras e muitas palavras acentuadas;
- \_ É complicada por causa dos acentos;
- \_ Mais ou menos. Não vou dizer sim nem não. Tem coisa que é fácil e tem coisa que é difícil;

Outro detalhe a ser mencionado é o fato de que, dos 85% dos alunos que responderam achar a Língua Portuguesa difícil de ser aprendida, 90% destes mencionaram as palavras, *acento, regra, complexa*, o que enfatiza a falta de explicações sobre tantos detalhes gramáticos e lexicais.

Outro momento muito interessante foi um comentário informal de alunos do 6º ano, do *Colégio Participação* que mencionaram o fato de que não vêm na diferenciação linguística nada que os afaste de seus amigos. É simplesmente, muito engraçado, disseram os alunos, mas eles riem de nós também.



A percepção desses alunos, pela óptica da sociolinguística traz à tona a relevante questão do preconceito linguístico que parece não existir em sua essência no bojo do aluno, e sim, nele é inculcado, através de um processo retrógrado de cultuação familiar, em que podemos perceber que fatores como a socialização ou a aceitação de costumes, dogmas, e até mesmo a resignação a certos ideais, são imprescindíveis para que o patriarquismo ainda sobrepuje a natureza da interação social.

Em outra questão, a de nº 04: *Você já ouviu alguém falar diferente? Assinale abaixo as palavras que você já ouviu e em seguida a escreva na forma correta (mas somente as que já ouviu):*

- |                    |                         |
|--------------------|-------------------------|
| ( ) Trabaio        | A forma correta é _____ |
| ( ) Probrema       | A forma correta é _____ |
| ( ) Pönhá          | A forma correta é _____ |
| ( ) Cõve (vegetal) | A forma correta é _____ |
| ( ) Ouvidu         | A forma correta é _____ |

Os alunos responderam à referida pergunta com muita diversidade, porém, foram unânimes quando disseram terem ouvido as palavras *Trabaio* e *Probrema*, sendo que alguns até procuraram explicar as suas respostas dizendo ser comum ouvi-las até mesmo nas ruas, principalmente por pessoas que moram ou trabalham na zona rural da Urbe, porém, não se referiram à questão de forma discriminatória, dizendo terem ciência de que a variação deve ocorrer em decorrência de algum fator social.

A questão nº 04 revelou ainda que eles mesmos não percebendo, o fenômeno da variação linguística, pronunciavam as palavras *Côve* e *Ouvidu*, de forma natural e totalmente descontraída.

Por se tratar de um processo de verbalização que acontece comumente quando pronunciamos palavras constituídas por *Hiato Crescente* ou por palavras *Paroxítonas* terminas com sílabas que possuem a vogal “o”, as pessoas não percebem que se torna natural a pronuncia corrompida das mesmas, o que seria interpretado por um linguística como uma variação tão marcante quanto as mencionadas anteriormente.

Quanto à palavra *Ponhá*, podemos dizer que ela foi ouvida por 45% dos alunos, que tentaram se justificar dizendo que essa variação se percebe muito comumente quando se conversa com pessoas que possuem pouca instrução educacional, independentes de idade, e que fixam suas residências em locais mais afastados da cidade.

Vale ressaltar que em nenhum momento da pesquisa foi realizada alguma explicação sobre a origem das variações linguísticas em nosso país a fim de deixá-los responder às questões com o conhecimento histórico e científico que possuíam à época.

E por último, tratamos aqui da questão nº 06: *Dentre as histórias em quadrinhos que já leu, qual a que você mais gostou?*

( ) *Pato Donald*

( ) *Chico Bento*

( ) *Cebolinha*

( ) \_\_\_\_\_

Sem mencionar a pequenez do fator numérico dos nomes citados, que praticamente perderam a expressão frente ao personagem *Chico Bento*, pudemos notar que a receptividade dos pré-adolescentes e adolescentes que responderam ao questionário em relação a esta notável figura de interação social foi de uma aceitação que chegou à marca dos 90%.

Isso identifica a personalidade real de nossos educandos, e abre espaço para que a sociolinguística possa ser tratada pelos nossos educadores de maneira mais informal, visto que não se trata de uma disciplina e sim de um estudo sobre a forma como nós brasileiros entendemos e interagimos com a enorme diversidade cultural que se proliferou no país em tempo passados e que hoje ainda é fruto de um desordenado processamento de aceitação social.

Outras questões elaboradas e contidas no texto completo que segue anexo a este trabalho, foram de suma importância para que se pudesse interpretar melhor a reação social dos entrevistados a fim de traçar um parâmetro de características otimistas e de proporções inovadoras a fim de poder contribuir com os atuais estudos na área da sociolinguística, e, por conseguinte, de uma melhor interação social.

### **6.3. Sociointeração sob o aspecto sociolinguístico; a solução**

*(...) A língua funciona como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua. É através dela que a realidade se transforma em signos, pela associação de significantes sonoros e significados arbitrários, com os quais se processa a comunicação linguística (...)* (PRETI, 2003, pág. 12).

Portanto, é certo que atravessamos uma fase em nossa educação em que vislumbramos fortes correntes de educadores preocupados com o futuro de nossos educandos, alunos em salas de aulas espalhadas por todo o Brasil que precisam, de uma vez por todas, interagir o mesmo conhecimento erudito oferecidos atualmente.

Muito se tem voltado às atenções aos problemas sociais que se referem ao suposto preconceito racial que diz excluir afrodescendentes do conteúdo humano social. Correntes ideológicas que perdem com o passar do tempo a sua força de expressão em face do reconhecimento de uma nação inteiramente miscigenada.

Outras correntes aludem ao problema do esquecimento das nossas quase que diluídas nações indígenas. Fato também, de certa forma, de entendimento depreciativo, que visto pela óptica antropológica, não da escolha aos silvícolas em opinar pelo aprendido ou não, de nossas culturas e tradições, e de nosso ensino educacional.

Ora, fato interessante a mencionar é que estes seres não são de uma única nação e possuem características diferentes que os permite optar por seu estilo de vida e comportamento social; respeitadas as Leis de ambos os povos, é claro.

Precisamos pensar que tais estudos e posteriores incitativas sociais que darão margem à criação de outras novas Leis e Decretos, totalmente desprovidos de

coerência interpretativa, frente ao nosso maior e mais veemente problema, o da exclusão social através da língua, são muitas vezes representações evasivas de Políticas Públicas que duram apenas o tempo vigente de um mandato eletivo.

A sociolinguística deve ser entendida pelos cientistas da educação como uma forma substancial de conter o paradigma do preconceito linguístico ainda existente e fortemente preservado nas salas de aulas de todo o país.

*(...) Como língua-padrão, o dialeto culto serve diretamente às instituições de ensino, no sentido de padronizar a língua, criando condições ideais de comunicação entre as várias áreas geográficas e também propiciando aos estudantes condições para a leitura e compreensão dos textos literários e científicos, que se expressam nessa linguagem (...)*  
(PRETI, 2003, Pág. 31).

Com base em Preti, devemos entender que a preservação de nossa Norma Culta é o alicerce de uma Língua Portuguesa falada e escrita no Brasil que possui solidez e se perpetua através dos anais de nossa história, porém, em se tratando dela, nas circunstâncias de uma língua falada, o respeito das variações precisa ser, acima de tudo, entendido e estudado, respeitado posteriormente e por último, cultivado como forma de preservar a construção primitiva da língua.

À priori, educadores e representantes de nossa administração educacional devem tecer em nossa sociedade um movimento forte e preciso rumo ao desmascaramento de tão fracas e pungentes normatizações do ensino.

Não se trata aqui de uma quebra de valores, e sim da edificação dos mesmos, começando pela reativação de valores dentro do seio familiar, em que pais e filhos interagem as suas relações buscando um aprendizado lógico e contemporâneo, sem se esquecer da maestria que está contida nas tradições e na cultura do povo brasileiro, que é praticamente regionalizada. Para tanto, façamos uma pequena reflexão de nossas perdas sociais nas questões e relações Legais.

O que perdemos no decorrer dos anos frente a uma infantil e precária democracia, onde tudo se pode fazer, onde os nossos direitos mais parecem ações libertinas, que se iniciam na sociedade e invadem os lares brasileiros aniquilando a Ordem Familiar?

O que é respeito, hoje em dia? Qual o seu significado?

E saindo do seio familiar rumos às instituições de ensino, como se portam esses seres industrializados pelo idealismo barato e anárquico da inconseqüência frente aos educadores?

Se essas arestas sociais não forem aparadas, se não resgatarmos a consciência do respeito mútuo, a figura máster dos pais, a presença edificante do educador, que sociedade democrática estaremos construindo? Que valores ainda restarão para que nossos filhos e netos possam interagir com a sociedade que só é, que só existe, por consequência de um natural mecanismo de comunicação.

O sociointeracionismo é vasto e complexo, e começa a ser experimentado nos primeiros contatos sociais da criança com o mundo em que vive. Se, no decorrer de seu crescimento, algum fator social de características preconceituais intervir na natureza da continuidade do seu saber, a opressão e a inibição se instalam naquele indivíduo castrando a sua irreverência, delimitando espaços e impedindo que ali haja a realização de um cidadão construto, de um cidadão crítico, modificador do mundo.

É esse o caminho da introspecção social que devemos todos nós, educadores, representantes públicos e pesquisadores combater assiduamente.

Ensinar o aluno, em sala de aula, a conquistar o seu espaço na sociedade, interdiscipliná-lo, auxiliá-lo a construir um caráter que frutifique seus anseios e ideais, porém, que esteja sedimentado na ética e na moral que conduzem uma sociedade.

O preconceito linguístico não é o único problema que enfrenta o sistema brasileiro de ensino nos bancos escolares, mas certamente é o mais significativo, responsável pela principal parcela de alunos que desde a tenra idade constituem-se em molde de introspecção e daí em diante, consomem-se frente a uma sociedade petrificada nos valores que a própria exclusão construiu.

Apelemos então para o bom senso e sigamos rumo ao entendimento lógico de que a variação linguística que presenciamos nas salas de aulas não personifica a identidade de cada aluno separadamente; ali está o todo de uma sociedade caótica eruditamente.

Como explicar aos alunos que suas pronúncias são incoerentes e que tais frases verbalizadas, se escritas tornariam o detentor delas ridiculamente fora dos parâmetros normais de nosso idioma se os nossos próprios autores de outrora se valiam dessas diversidades linguísticas para, em forma de protesto, mostrar às quantas iam, a evolução social de nosso país frente à uma inconsequente mas desenfreada descentralização social.

Ou será que o nobre Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) foi tão infeliz ao relatar em seus dignos contos como se construía as vielas e ruas mal terminadas que conduziam os menos afortunados aos morros fluminenses?

E por que não comentar sobre o êxodo social externado na obra *Cidades Mortas* (1919) de José Bento Renato Monteiro Lobato (1882-1948), em que o célebre escritor ironizava a decadência de um povo sofrido e acometido do mal da exclusão social em uma época em que a moda paulistana era a europeização.

Como tratar problemas sociais de hoje sem voltarmos às nossas origens? E quando nos referimos a tal reflexão, fica então uma outra ordem de pensamento.

Qual o significado de nossas instituições não valorizarem a história de nosso povo, desde o achamento à contemporaneidade, enaltecem as obras literárias, não como forma de trampolim para vestibulares que nem deveriam existir?



Qual será o real sentido da gramática que se ensina nas salas de aula e que serve de alicerce para a nossa Norma Culta, se os professores não se dão ao trabalho de explicar a sua origem?

Estamos então diante de uma *direma; um vedadeiru problema di identidadi*. Se os poetas e escritores podem, alunos não poderiam também? Se os nossos educadores não resgataram os valores históricos que explicam o surgimento de tamanha diversidade gramatical, igual ou superior a própria diversidade linguística, como exigir de nossos discentes a continuidade e preservação da formalização linguística?

É viável o esclarecimento, porém, seria interessante ter uma sociedade esclarecida ou o preconceito, em diferentes esferas de atuação ainda é cabresto para o povo que sofre com o julgo da insensatez.

Finalizamos o referido capítulo deixando aqui o apelo aos nossos educadores, aos leitores e pesquisadores da área da educação, história e estudos sociais, e também aos nossos alunos de todas as salas de aulas do Brasil para que atentem para a valorização de nossa Norma Culta, desde que entendam o seu sentido e existência, e mais ainda, para que vivifiquem o comportamento sociolinguístico objetivando-o como norte de uma ação interativa de nossa sociedade, e de nossa jornada educacional.

## 7 – CONCLUSÃO

O objetivo do trabalho foi contextualizar de maneira científica uma questão que consideramos de Ordem Pública que se refere ao Preconceito Linguístico em Sala de Aula.

Não podemos falar em compromissos administrativos ou mesmo pedagógicos que se relacionem ao problema em epígrafe porque não se trata de um simples ou passageiro tema de discussão dentro de nossa educação. Estamos elucidando uma situação que identifica a personalidade do povo brasileiro, que margeia a história de uma nação, e mais do que isso, que pode ser vislumbrado como um traço característico de nossa colonização, tão diversificada.

Entender a história não é apenas estudá-la, seja de forma antropológica, seja mesmo na simples ação de pesquisa cronológica. A história de um povo deve ser sentida filosoficamente pelo pesquisador, deve ser trabalhada reflexivamente de forma sociológica e por último, analisada em seus mínimos detalhes no tocante às mudanças de comportamento social estabelecidos em cada época para que possamos determinar fatores transitórios, bem como as suas consequências.

O povo brasileiro, miscigenado que é, fato que ainda sugere estudos mais aprofundados de reconhecimento e aceitação, por parte de nossa sociedade; que assume a resignação de uma autoflagelação social, que é pouco comprometido com a educação, e que possui um berço político que preza pela elaboração de Leis e Decretos sem conteúdo significativamente explicativo, ainda necessita de valores

externos para edificar as suas realizações como nação, pois não possibilitou aos seus filhos da terra, no decorrer dos anos, a real conceituação e o reconhecimento de seus valores.

Como podemos então, ao adentrar em uma sala de aula, responder aos alunos da mais tenra idade simples questões como, o porquê de nossa história ser contada através de tradições, em que não havia erros, em que o Brasil era simplesmente um todo social, onde seus mártires mais parecem figuras angelicais, como se colocados estrategicamente nos livros de história.

E depois, em fase de um desbravamento pessoal, o aluno, quase adulto, percebe que foi envolto em uma farsa.

E como resolver a questão da socialização se todos estes heróis são politicamente corretos, principalmente em relação aos seus hábitos costumes e também, na maneira de falar.

Mas, José Joaquim da Silva Xavier (1746-1792), o nosso Tiradentes, não era mineiro? Não se expressaria ele em pleno século XVIII, com os mesmos vícios linguísticos que hoje presenciamos em alunos de escolas mineiras, em regiões isoladas do Estado?

E o que dizer do famoso baiano Antônio Frederico de Castro Alves (1847-1871), que embora tenha brindado o cenário literário de nosso país com seus textos

abolicionistas, tornando-se uma das figuras mais respeitadas de nossa literatura, nunca deixou de se expressar verbalmente com traços característicos de sua região.

O que necessitamos na educação brasileira é estabelecer um domínio de nossa própria cultura e tradição, entendê-la em sua diversidade, aceitá-la e estudá-la e por último, desenvolver o respeito mútuo por aqueles que iniciam as suas atividades escolares, mas que já estabelecem contato com a educação no seio familiar, trazendo de lá tantos e vícios e variações na língua.

Corrigi-los, sem explicações? Não; e sim, introduzi-los no campo social e fazê-los entender a grandiosidade dessa diversidade linguística que chega a ser uma espécie emblema em nossa história.

E a educação, por intermédio de seus administradores e educadores, precisa estar compromissada com esse ideal tão fomentado pela nossa sociolinguística contemporânea.

Que o referido trabalho possa ser mais uma parcela de auxílio na compreensão de todos os valores aqui mencionado.

Portanto, concluímos que o movimento de aprimoramento ético e moral de nossa sociedade tem que ter embasamento tão somente na educação, desde o seio familiar aos bancos escolares, com a valorização o ser humano, indivíduo etnicamente brasileiro, em plena etapa de sua jornada educacional.

## 8 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, José Martiniano de, *O Garatuja*, SARAIVA, SÃO PAULO, 1968.

AZEVEDO, Aloísio Tancredo Gonçalves de, *O Cortiço*, CIRANDA CULTURAL, 2007.

BAGNO, Marcos Araújo, *Mesa-redonda na 52ª Reunião da SBPC*, UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, TVE-RIO, em 15 de junho de 2000 – [www.terra.com.br/educacao/marcosbagno](http://www.terra.com.br/educacao/marcosbagno), acessado em 19 de julho de 2008.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, CIRANDA CULTURAL, SÃO PAULO, 2007.

BEARSOTI, Paulo Douglas, *Revista Discutindo Literatura*, Ano 01, nº 01, pág. 15, ESCALA EDUCACIONAL, SÃO PAULO, 2006.

BÉRGSON, Henry-Louis – BLAVATSKY, Helena Petrovna, “*Citações*”, [www.sociedadeteosofica.org.br](http://www.sociedadeteosofica.org.br), acessado em setembro de 2008, às 23h55min.

BORTONI-RICARDO, STELLA MARIS, *Educação em Língua Materna – “A Sociolinguística em Sala de Aula”*, PARÁBOLA, SÃO PAULO, 2006.

CAMINHA, Pero Vaz de, “*A Carta do Achamento – 01 de maio de 1500*”, [www.cce.ufsc.br/literatura](http://www.cce.ufsc.br/literatura), acessado em 11 de abril de 2008, às 12h10min.

DANIKEN, Eric Von, *Eram os Deuses Astronautas?* MELHORAMENTOS, SÃO PAULO, 1968.

DICIONÁRIO, *Houass*, acessado em 25 de março de 2008, às 15h20min.

ECA, *Estatuto da Criança e do Adolescente*, LEI Nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Capítulo II, artigo nº 17, [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br), acessado em 21 de setembro de 2008, às 17h.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães, *Tratado da Terra do Brasil – 1576*, [www.cce.ufsc.br/literatura](http://www.cce.ufsc.br/literatura), acessado em 11 de abril de 2008, às 12h05min.

HERNANDES, Paulo Antonio Outeiro, *Lingüística*, disponível em: [www.paulohernandes.pro.br](http://www.paulohernandes.pro.br), acesso em 24 de março de 2008, às 15h30min, e em 25 de março de 2008, às 13h00.

IBGE, *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*, [www.ibge.gov.br/população](http://www.ibge.gov.br/população), acessado em 28 de setembro de 2008, Às 19h13min.

LARAIA, Roque de Barros, *Cultura, um Conceito Antropológico*, JORGE ZAHAR EDITOR, RIO DE JANEIRO, 2006.

LOURO, Guacira Lopes, *Gênero e Magistério: identidade, história, representação*, Tradução: CATANI, Denice Bárbara, 1997. [www.anped.org.br](http://www.anped.org.br), acessado em 19 de outubro de 2008, às 21h48min.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia, *O Português Brasileiro*, disponível em: [www.instituto-camões.org.com](http://www.instituto-camões.org.com), acesso em 23 de março de 2008, às 23h45min.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães, *Fala, Letramento e Inclusão Social*, CONTEXTO, SÃO PAULO, 2007.

MORAES, Marcus Vinicius da Cruz de Melo, *Pela Luz dos Olhos Teus*, [www.viniciusdemoraes.com.br](http://www.viniciusdemoraes.com.br), acessado em 04 de outubro de 2008, às 18h13min.

MORENTE, Manuel Garcia, *Fundamentos da Filosofia*, MESTRE JOU, SÃO PAULO, 1943.

PRETI, Dino Fioravante, *Sociolinguística – Os Níveis da Fala*, EDUSP, SÃO PAULO, 2003.

RIBEIRO, Darcy, Documentário – *O Povo Brasileiro*, DVD, VERSÁTIL, 2001, assistido em 19 e 20 de abril de 2008, às 21h.

SAUSSURE, Ferdinand de, *Semiologia*, [www.pt.wikipédia.org/semiologia](http://www.pt.wikipédia.org/semiologia), acessado em 08 de agosto de 2008, às 23h57min.

SILVA, Antonio Gonçalves da, “PATATIVA DO ASSARÉ”, *Aos Poetas Clássicos*, [www.cidadaniabrasil.org](http://www.cidadaniabrasil.org), acessado em 12 de setembro de 2008, às 23h49min.

SPINOZA, Baruch, *O Tratado da Correção do Intelecto*, BIBLIOTECA VIRTUAL BOOKS, Código: bvbointelecto876, Formato: PDF, 2003.

TOBIAS, José Antonio, *História da Educação Brasileira*, JURISCREDI, SÃO PAULO, 1973.



# A NOSSA LÍNGUA PORTUGUESA



Diferentes formas de expressões, em um país que se une, que se integra, com características comportamentais tão diferentes umas das outras, porém, com uma capacidade de adaptação social jamais presenciada por qualquer outra Nação!

Isto é “Brasil”!

Habitado por inúmeras etnias, perfazendo um só povo, que conhece a importância e o valor de sua história, da herança de traços tão complexos, de uma enorme variedade de dialetos e línguas. As variações lingüísticas, existentes em nossa Língua Materna, não podem ser consideradas anormais ou misteriosas; é simplesmente, um fenômeno

de nossa diversidade cultural!

## QUESTIONÁRIO

### A nossa Língua Portuguesa!!!

Quero agradecer a você pela participação neste questionário que tem por objetivo recolher informações sobre as experiências adquiridas como aluno e como cidadão, que interage diariamente com a Língua Portuguesa, porém, a escuta acompanhada de características especiais, herança de costumes regionais, oriundos das mais diversas regiões do Brasil.

Desde já, peço a você que tente ser o mais espontâneo e sincero possível em suas respostas.

Brigadu!!!

### Dados Pessoais:

Nome: \_\_\_\_\_

Sexo:

Masculino ( )

Feminino ( )

Idade: \_\_\_\_\_

País de origem: \_\_\_\_\_

Já conheceu outros países?

Sim ( )

Quais? \_\_\_\_\_ Não

( )

Línguas estrangeiras que estuda ou conhece: \_\_\_\_\_

Formação Escolar: \_\_\_\_\_

Nome da Escola: \_\_\_\_\_

Entrevista:

1) Você acha difícil aprender a Língua Portuguesa?

( ) Sim. Explique:

---

---

---

( ) Não

2) A nossa Língua Portuguesa possui uma grande variedade de palavras, muitas até mesmo desconhecidas em certas regiões do Brasil. Cite abaixo quais as palavras que você conhece:

( ) Cabresto

( ) Lastro

( ) Quizumba

( ) Pavimentação

( ) Lisura

3) Legal! Agora explique com as suas palavras as que você assinalou:

---

---

---

4) Você já ouviu alguém falar diferente? Assinale abaixo as palavras que você já ouviu e em seguida as escreva na forma correta (mas somente as que já ouviu):

( ) Trabaio A forma correta é \_\_\_\_\_

( ) Probrema A forma correta é \_\_\_\_\_

( ) Pönhá A forma correta é \_\_\_\_\_

( ) Côve (vegetal) A forma correta é \_\_\_\_\_

( ) Ouvidu A forma correta é \_\_\_\_\_

5) Agora que identificou as palavras diga em que local as ouviu; se lembrar:

( ) na Rua;

( ) entre Amigos:

( ) em Casa; ou

( ) \_\_\_\_\_

6) Bem, dentre as palavras acima descritas, existe alguma que você mesmo pronuncia de forma diferente? Não fique acanhado(a). Eu, por exemplo, pronuncio a palavra “Couve” e “Ouvido” da mesma forma que estão escritas acima.

---

---

---

7) Dentre as histórias em quadrinhos que já leu, qual a que você mais gostou?

( ) Pato Donald

( ) Chico Bento

( ) Cebolinha

( ) \_\_\_\_\_

8) Você leu ou está lendo algum livro? Cite o nome e o que mais lhe chamou a atenção na história:

---

---

---

9) Atualmente, qual o programa de televisão que mais gosta de assistir?



## BREVE EXPLANAÇÃO SOBRE A LINGUÍSTICA

Linguística é a ciência que estuda a linguagem verbal humana.

Como toda a ciência, ela se baseia em observações conduzidas através de métodos, com fundamentação em uma teoria.

Portanto, a função de um lingüista é estudar toda e qualquer manifestação lingüística como um fato merecedor de descrição e explicação dentro de um quadro científico adequado.

Para um lingüista é muito mais interessante uma passagem do tipo:

Cumé qui é?

a outra:

Como é que é?

O lingüista quer descobrir como a língua funciona, estudando várias dessas línguas, de forma empírica (através de dados baseados na experiência), dando preferência às variações populares faladas em diversas comunidades.

Porém, de forma a não macular a “Norma Padrão” de nossa Língua Materna, a Língua Portuguesa.

DEIXE AQUI UM COMENTÁRIO SOBRE O QUE PENSA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

**EU ENTRO EM CONTATO...**  
**PROMETO!!**

Sergio Eduardo Valencia é acadêmico do Curso de Letras da UNIESP, Escritor, Poeta e Pesquisador das Tradições e Culturas Regionais.

[www.oguardiao.recantodasletras.com.br](http://www.oguardiao.recantodasletras.com.br)

(11) 7394-8663

A referida pesquisa visa colher informações que possam ser úteis em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sob a supervisão da Prof<sup>a</sup> Doutoranda Simone S. Goh

Deixe o seu e-mail para futuros contatos: \_\_\_\_\_

